

**A  
VIRGEM  
MARIA**

**Dr. Aníbal Pereira dos Reis**  
(ex-padre)

**Edições Cristãs**

## **ÍNDICE**

Prefácio  
A bem-aventurada  
Os crentes evangélicos e Maria  
Maria, Mãe de Deus  
A imaculada concepção  
A medianeira  
Mãe dos homens  
Rainha dos céus  
A co-redentora  
O maior de todos os crimes  
Livremos Maria do ridículo!  
O culto a Maria  
E os milagres de “Nossa Senhora”?  
A felicidade maior

**.oOo.**

# PREFÁCIO

O autor deste livro dedicou grande parte de sua vida à devoção a Maria. Nascido e criado numa família intensamente religiosa, a primeira reza que aprendeu em tenríssima infância foi a “Ave-Maria”.

Todas as noites, nossos pais nos reuniam a todos para, de joelhos diante de uma imagem de Maria, cercada de flores e iluminada de velas, rezarmos o terço do rosário seguido da ladainha.

Lembro-me das muitas vezes que fazia enormes esforços para não dormir de vez. Ali, de joelhos, batendo de sono a cabeça de um lado para o outro, repetia as Ave-Marias com fervor e clamava o “rogai por nós” da ladainha com tanta piedade.

Quis ser ordenado padre num dia 8 de dezembro por ser a festa da Imaculada Conceição e consagrei-lhe o meu sacerdócio, pois durante o seminário católico minha devoção a Maria se intensificou e se aprimorou.

Como padre, empenhei-me com todo o ardor em espalhar a devoção mariana. A todas as noivas cujos casamentos celebrava, oferecia de presente uma imagem de “nossa senhora”, pois desejava que cada novo lar se constituísse num relicário de Maria.

No livro **ESTE PADRE ESCAPOU DAS GARRAS DO PAPA**, minha autobiografia, rememoro tantos episódios de minha vida sacerdotal entregue a Maria e dedicada em servi-la com entusiasmo e fidelidade.

Sempre anelei a salvação eterna de minha alma. Aliás, por isso é que fui ser padre.

Em Maria, o cobiçado “refúgio dos pecadores”, procurei, aflito, minha salvação eterna.

Por mais que lutasse, por mais que me penitenciasse, por mais que fosse fiel ao meu sacerdócio, por mais fervoroso devoto de Maria que fosse, jamais consegui encontrar a verdadeira paz na certeza da salvação eterna de minha alma.

Prostrado de joelhos diante das imagens de “nossa senhora”, com lágrimas a me banharem a face, clamava-lhe por misericórdia que me volvesse seus olhos maternais...

Rezava todos os dias o rosário completo. Muitas vezes jejuava aos sábados, que é o dia da semana a ela consagrado.

Trazia comigo a medalha milagrosa e o escapulário da “senhora do Carmo”.

Tudo inútil. Jamais recebi dela resposta aos meus clamores angustiantes.

Em 1961 fui ler as Santas Escrituras. Muito sofri aos embates dessa leitura porque a Palavra de Deus me revelava todos os erros da religião de meu sacerdócio.

À luz da Bíblia, a Santa Palavra de Deus, verifiquei a inutilidade de tantas devoções. A iniquidade delas!

E, em 8 de novembro de 1961, converti-me a Jesus Cristo. Aceitei-O, segundo os santos evangelhos, como o meu exclusivo Redentor. E Ele me salvou!

Graças a Ele, sinto inefável paz no gozo da salvação eterna da minha alma.

E depois de haver sido sacerdote católico romano por 15 anos e meio, de maio de 1965 a esta parte, como pregador do Evangelho, sirvo com alegria ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Ao bondoso leitor deste livro, se for devoto de Maria, peço que o leia com toda atenção, com toda a honestidade de consciência e com o desejo sincero da verdade.

A religião é assunto importantíssimo e precisa ser analisado com critério, com todo o cuidado e sem paixão de fanatismo.

Vale a pena uma sincera avaliação à luz da Bíblia das doutrinas religiosas que professamos e das devoções que praticamos.

Este livro é esta avaliação da devoção a Maria perante as Sagradas Escrituras. Por isso a leitura dele poderá se constituir em grande bênção para as pessoas sinceras e desprovidas de fanatismo desonesto.

E essa bênção é o motivo de minhas orações ao entregar ao público este livro.

Releva frisar-se a importância deste estudo para os crentes evangélicos se desejam evangelizar com eficiência

e êxito. Muitos fracassam no desempenho da tarefa evangelizante e desistem dela porque, despreparados, são incapazes de elucidar dúvidas e objeções levantadas por erros doutrinários. Ao escrever este livro pensei muito nos meus irmãos em Cristo, pois desejo-lhes sempre todas as vitórias no glorioso ministério de ganhar almas para o Santo Reino de Deus.

São Paulo, 8 de dezembro de 1976  
**Dr. Aníbal Pereira dos Reis** (ex-padre)

.oOo.

## **A BEM-AVENTURADA**

De certa feita, encontrava-se Jesus Cristo pregando à multidão, quando a voz de uma mulher se sobressaiu a clamar: **“Bem-aventurado o ventre que Te trouxe e os peitos em que mamaste”** (Lucas 11.27).

Maria, a preciosa mãe de Jesus é BEM-AVENTURADA, quer dizer, intensa e profundamente feliz, por haver em suas entranhas virginais, trazido Jesus Cristo. Ela é intensa e profundamente feliz por havê-LO alimentado em seus seios.

De fato, as mães são felizes com as vitórias dos seus filhos. E como não haveria de ser sobremaneira feliz a mãe de Jesus!

A mulher se realiza, em plenitude, na maternidade. Maternidade que implica geração e criação.

Deus, na Sua infinita sabedoria, quer que a humanidade se prolongue por meio da mãe.

A mulher pode ser professora, médica, comerciante, engenheira, bancária, presidente da república, deputada,..., motorista de taxi ou de caminhão... Mas, só se realizará como mãe.

Deus a fez para esta missão.

A maior desgraça que se abateu sobre o mundo de hoje é a fuga da maternidade por parte da mulher. A mulher da era da técnica procura ser tudo. Quer conquistar tudo. Galgar todos os postos na sociedade.

Desempenhar todas as funções. Até a de cobradora de ônibus. Tudo, menos ser mãe.

Infeliz, ela assassina os seus próprios filhos através do aborto provocado. Se tiver dois ou três filhos já se julga cumpridora do seu dever. E se esconde atrás de tantas desculpas...

E aos que gera e consente que vivam nega o alimento primordial dos primeiros meses de vida: o leite materno. Muitas, às vésperas do parto, se valem de certos produtos farmacêuticos que lhes secam esse primeiro alimento natural. A mulher hoje não amamenta mais seu filhinho. Prefere dar-lhe o leite industrializado, carregado de tantas drogas químicas. Esquece-se de que o gesto de amamentar se constitui também num gesto de profundo amor, altamente educativo.

A juventude atual encontra-se tresloucada, “baratinada”, porque lhe faltou esse gesto fundamental de educação e formação. A mulher que faz o favor de deixar sobreviver o fruto de suas entranhas e depois não o amamenta com seus seios não se deve considerar mãe. Ela falhou em suas obrigações primordiais. À mulher moderna falta a bem-aventurança da maternidade total. Vítima desta desgraçada sociedade de consumo, ela é uma desgraçada. Desrespeitada, vilipendiada, aceitou ser coisificada e consumida como objeto de consumo. Expôs-se ao despudor e ao escárnio.

A palavra daquela mulher do povo, ao elogiar Maria, a preciosa e santa mãe de Jesus, é uma chicotada de fogo na mulher desta era da técnica. Era da técnica de todas as conquistas materiais e da suprema degradação do Homem porque a sociedade de consumo esmagou a mulher!

**“Bem-aventurado o ventre que te trouxe...”** Ela, Maria, é bem-aventurada.

Já bem antes daquela mulher do povo erguer esta proclamação, o anjo Gabriel e sua prima Isabel anunciaram: **“Bendita és tu entre as mulheres”** (Lucas 1.28,42). E ela própria assim se admitiu: **“Eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada, porque me fez grandes coisas o Poderoso”** (Lucas 1.48-49).

Sim, Maria é bem-aventurada, profunda e intensamente feliz, por haver servido de instrumento no ministério da encarnação do Filho de Deus, Jesus Cristo.

.oOo.

## **OS CRENTES EVANGÉLICOS E MARIA**

Os evangélicos se conduzem por uma fé consciente, esclarecida e racional. Deus Se nos revelou nas Sagradas Escrituras para que nós as estudássemos. Por isso os evangélicos examinam e estudam a Bíblia, a nossa ÚNICA Regra de Fé, a ÚNICA Fonte de Revelação Divina.

Ao outorgar-nos a Bíblia, o Senhor quer que rejeitemos a fé cega. A fé dos crentes evangélicos não é cega. É, sim, esclarecida e consciente porque eles estudam as Santas Escrituras, insista-se. Eles confiam em Deus e em Jesus Cristo, SABENDO porque confiam. Eles cultuam a Deus e praticam certos exercícios espirituais convictos do que estão fazendo e não sob a desculpa da tradição ou a do: *“porque minha mãe me ensinou assim”*.

Aliás, Deus, que é a suma e suprema Verdade, quer ser adorado em espírito e em verdade (João 4.23-24). E ninguém adora a Deus em verdade se não estiver convencido da verdade.

É sob esta fé racional, enraizada nas Sagradas Escrituras, que os crentes evangélicos vêem Maria, a santa mãe de Jesus Cristo. Nessa conformidade, e porque a respeitem sobremodo, repelem todas e quaisquer mentiras assacadas contra ela.

Divulgou-se o boato maldoso de que os evangélicos desonram Maria. É, contudo, bem o contrário! Ninguém mais do que o povo evangélico respeita e honra o nome de Maria, rejeitando mistificações e embustes que, contra ela, falsos sacerdotes impingem à massa ignara ao rir-se da simplicidade. Tributam-lhe a verdadeira glória que a Palavra de Deus lhe dá, e não a falsa que os homens mentirosos lhe querem impingir.

De certa feita, uma quadrilha de ciganos raptou uma meninazinha, filha de importantíssima família. Fizeram-na crescer cercada de todos os cuidados. Ensinarão-lhe a “ler a sorte” e, quando moça feita, lindíssima por sinal, vestiram-na com o mais apurado gosto.

De cidade em cidade, exibiam-na como a RAINHA. Divulgavam suas excepcionais qualidades de infalível vidente do futuro. Propunham-na como a mulher capaz de propiciar delirantes prazeres aos homens que a freqüentassem.

A sua tarefa de “ler a sorte”, de desvendar o futuro pelas linhas das mãos dos consulentes, contudo, exigia o pagamento de taxa bem mais alta do que a cobrada pelos companheiras do bando de ciganos. Julgavam estes que só o prazer oferecido por aquelas mãos de seda e aqueles dedos aveludados a perpassarem sobre a pele dos clientes valia preço muito superior. E só podiam desfrutar de suas carícias inebriantes os homens ricos. Os especuladores da garota raptada ganhavam somas fabulosas por onde passavam.

A sorte, porém, um dia deixou de lhes ser favorável. Os irmãos da moça descobriram-na. Muito se alegraram porque a supunham assassinada, quando criancinha ainda, por algum malvado. Jubilosos por, imprevista e coincidentemente, terem encontrado a irmã raptada, transformada em rainha dos ciganos, passaram à tentativa de recuperá-la e resgatá-la para o convívio do seu verdadeiro e honrado lar.

Recorreram à Justiça. O caso agitou os tribunais. A opinião pública das grandes cidades por onde passaram os ciganos com a sua lindíssima rainha, de início, se manifestara contrária, desfavorável aos irmãos, por supô-los loucos, pois ninguém podia imaginar tamanha fraude porque a moça sempre se revelava feliz a distribuir encantadores sorrisos.

Afinal, depois de rumoroso processo judicial, em face das irrefutáveis provas, a Justiça reconheceu ser a moça aquela criancinha há tantos anos raptada e filha daquela família que na época do roubo recorrera à polícia desprovida, ao tempo, de maiores recursos para o reencontro da criança vítima.

A Justiça decretou a volta da jovem para junto de sua família, a pena de muitos anos de prisão para os ciganos raptadores e confiscação de todas as suas imensas riquezas.

Os sacerdotes da idolatria raptaram dos crentes evangélicos a sua bem-aventurada irmã no Senhor. Cercaram-na de um culto impropriedade à luz da Bíblia e da razão. Atribuíram-lhe fantásticos poderes miraculosos. Engendraram mirabolantes histórias de suas “aparições”. Erigiram-lhe faraônicos santuários onde instalaram suas imagens, objeto e motivo de seguidas romarias. E o marianismo se tornou na maior fonte de arrecadação a acrescentar, numa constância ininterrupta, riquezas sobre as fabulosíssimas riquezas do clero católico romano.

Os crentes evangélicos se insurgem contra tão nefando crime. Querem libertar a preciosa irmã na fé dos títulos pagãos que lhe atribuíram, dos ridículos apelidos que lhe imputaram como se fosse ela uma atriz de cinema ou de novela de tevê.

Querem eles, com a Verdade e em nome da Verdade, arrancar Maria das garras dessa quadrilha internacional de falsários e especuladores.

E querem que o imenso tesouro acumulado durante tantos séculos de ignóbil exploração do nome honrado da esposa de José seja confiscado e devolvido ao pobre povo que essa súcia ludibriou.

Os bispos católicos romanos, de tempos a esta parte, insistem nos países subdesenvolvidos da América Latina, e de modo particular no Brasil, que sejam pelos governantes reformadas suas estruturas sócio-econômicas.

Garanto uma coisa! Se eles devolvessem ao povo brasileiro o que lhe exploraram com o embuste marianista, os problemas econômicos dos brasileiros pobres estariam resolvidos.

Nós, os crentes evangélicos, em nome da Verdade, queremos Justiça para nossa bendita irmã na fé porque a honramos de verdade e na Verdade. E que se faça Justiça em favor do povo há tantos séculos ludibriado e extorquido sob falsas promessas pelos especuladores marianistas.

.oOo.

## MARIA, MÃE DE DEUS

1) É uma blasfêmia contra a inteligência chamar-se Maria de mãe de Deus. Deus é eterno! Não teve princípio e jamais terá fim.

A Bíblia, concorde com a inteligência, em Isaías 40.28, proclama: **“Não sabes, não ouviste que o ETERNO Deus, o Senhor...”**. **“Antes que os montes nascessem, ou que Tu formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, Tu és Deus”** (Salmo 90.2), ensinam as infalíveis Escrituras. Deus não pode nascer! Se é ETERNO, como pode ter mãe? Se não pode nascer, como teria sido gerado no seio de uma mulher?

É impossível a fé ser irracional! Aliás, a inteligência é a faculdade mais nobre do ser humano. À inteligência humana é impossível perscrutar os mistérios divinos. É-lhe impossível conhecer as profundezas de Deus. Nem por isso, contudo, a inteligência do homem há de se curvar diante do absurdo.

Ainda! Admitir-se uma mãe para Deus é negar o próprio Deus. Negando-Lhe a Eternidade, nega-se-Lhe o próprio Ser. A reza: *“Santa Maria, mãe de Deus...”* é o absurdo dos absurdos. Só a credice pode aceitá-la. E só interesses escuros podem divulgá-la...

\* \* \*

Não sabes, não ouviste, ó devoto, que Deus é ETERNO? E como invocas uma mãe de Deus?

Os antigos catecismos católicos, impossibilitados de fugir à lógica, exibiam esta indiscutível verdade:

**Pergunta:** Cristo, enquanto Deus, tem pai ou tem mãe?

**Resposta:** Enquanto Deus, tem Pai e NÃO TEM MÃE; enquanto Homem, tem mãe e não tem pai.

É, portanto, imprópria e irreverente a invocação: *“Santa Maria, mãe de Deus...”*

\* \* \*

Maria é mãe do corpo físico, das carnes, de Jesus Cristo. Em sendo Ele Deus, como Deus, não pode ter sido gerado por uma mulher.

**“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”** (João 1.1). Jesus Cristo é esse Verbo que Se fez carne (João 1.14). Como Verbo Ele estava com Deus, e era Deus desde toda a Eternidade. Como se pode acreditar, portanto, ser Maria mãe de Deus? O Verbo é pré-existente a Maria.

**2)** Nesta linha de pensamento, ou seja, à luz da Eternidade do Verbo, João afirma: **“Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez”** (João 1.3).

Nesse caso, é evidente, Maria, em sendo criatura, foi criada pelo Verbo. É irracional, por conseguinte, dizer-se que uma criatura seja a mãe do seu Criador. **“Sabei que o Senhor é Deus: foi Ele, e não nós, que nos fez”** (Salmo 100.3).

O povo evangélico, na sua fé em Deus ETERNO e no legítimo uso da razão, repele essa mentira atirada contra Maria, a preciosa mãe do corpo físico de Jesus Cristo, como se ela fosse também mãe de Deus.

Gerado em suas entranhas, a carne de Jesus Cristo, o VERBO ETERNO, não se constitui ela mãe de Deus, que é, sim, o seu Criador.

**3)** A palavra mãe tem um significado bem claro na mente de todas as pessoas. Designa ela que no ventre de uma mulher se origina a PESSOA do filho.

Ora, a PESSOA DE CRISTO NÃO SE ORIGINOU NO VENTRE DE MARIA. Com efeito, em Cristo ocorre a união substancial das duas naturezas, a humana e a divina, numa só PESSOA. É o caso ímpar, único, entre todos os homens.

Por conseguinte, Maria não é mãe da Pessoa de Cristo, por ser-lhe absolutamente impossível tornar-se mãe de Deus.

**4)** Em que sentido chamou-lhe Isabel de **“mãe do meu Senhor”** (Lucas 1.43)? É incontestável que não a chamou de mãe do meu Deus! E nem que, ao proferir aquela locução, quis dizer que a Pessoa Eterna de Cristo

fora gerada no ventre de Maria e que, portanto, enquanto Deus, tenha tido mãe.

Paulo Apóstolo, de resto, ensina: **“De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-Se SEMELHANTE AOS HOMENS; e, achado na FORMA DE HOMEM, humilhou-Se a Si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que também Deus O exaltou soberanamente, e Lhe deu um Nome que é sobre todo nome; para que ao Nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o SENHOR, para glória de Deus Pai”** (Filipenses 2.5-11).

Isabel, ao chamá-LO SENHOR, deu-Lhe o título que Lhe cabe na qualidade de Filho do Homem.

**5)** O fato único da geração do corpo de Jesus Cristo nas entranhas virginais de Maria não estabelece, por conseguinte, a mesma relação que as mães têm para com seus filhos. Maria não tem para com Jesus esta relação comum entre as mães e os seus filhos.

Segue-se, é evidente, que o Senhor Jesus também não tem para com ela a mesma relação que nós, como filhos, temos para com nossas mães. Impossível, em conseqüência, ocorrer de Jesus para com Maria a submissão ou a obediência dos filhos à autoridade de suas mães.

Lucas 2.51, ao asseverar que, morando em Nazaré, Jesus era sujeito, submisso, obediente aos Seus pais, não destrói o nosso argumento lógico.

E, com efeito, o autor sagrado se refere aos pais, no plural, isto é, ao pai e à mãe de Jesus. Sabemos, porém, que Jesus Cristo não é filho de José, segundo a natureza humana, pois José não teve nenhuma interferência na geração de Cristo.

Antes de entrar em Seu ministério público, a conduta de Jesus deveria mesmo ser de submissão e de obediência àqueles que, perante o povo, eram Seus pais. Era-Lhe indispensável ser no conceito dos judeus o melhor dos filhos.

Pela mesma razão de atender esse conceito é que Se sujeitou ao tributo das dracmas ao Templo. Quando Pedro O informou sobre a cobrança insistente desse imposto, declarou-Se isento dele, mas, com o intuito de evitar escândalo, aceitou pagá-lo. **“Mas para que os não escandalizemos...”**, afirmou Ele (Mateus 17.27).

Por conseguinte, enquanto não atingisse a idade ideal, não convinha, em oposição à justiça estabelecida pela Lei de Moisés (Deuteronômio 21.18) e com escândalo dos judeus, assumir a autoridade suprema inerente à Sua Pessoa Divina. Enquanto, pois, não houvesse chegado o instante por Deus assinalado, era-Lhe conveniente e natural estar em sujeição e em obediência aos Seus pais e a toda e qualquer autoridade constituída da nação judaica.

Porém, após a Sua unção pelo Espírito Santo às margens do Jordão quando do Seu batismo e do reconhecimento público e solene por parte do Pai como Seu Filho singularmente amado, **“Este é Meu Filho amado, em Quem Me comprazo”** (Mateus 3.17), após ainda, os Seus portentosos milagres que revelaram aos judeus a Sua Autoridade Divina de Mestre, deixou Ele aquela submissão e aquela obediência a José e a Maria.

E, de fato, nunca Jesus Cristo chamou Maria de mãe, mas sempre de mulher.

Em certa oportunidade vieram dizer-Lhe da presença da Sua mãe e dos Seus irmãos desejosos de falar-Lhe. Esquivou-Se de atendê-los e proclamou Sua absoluta independência de quaisquer vínculos sangüíneos: **“Quem é Minha mãe e quem são Meus irmãos? E, estendendo Sua mão para os Seus discípulos, disse: Eis aqui Minha mãe e Meus irmãos; porque qualquer que fizer a vontade de Meu Pai que está nos céus, este é Meu irmão, e irmã, e mãe”** (Mateus 12.48-50).

Doutra feita, uma mulher simples do povo atento à Sua Palavra, clamou: **“Bem-aventurado o ventre que Te trouxe e os peitos em que mamaste”** (Lucas 11.27). Contestou-lhe, porém, o elogio a Maria. **“Antes, bem-aventurados os que ouvem a Palavra de Deus e a guardam”** (Lucas 11.28).

Na oportunidade de umas bodas em Caná da Galiléia, como dona de casa, Maria notou a falta de

vinho, fato em extremo vexatório para os costumes judeus, e dele notificou Jesus Cristo. Seu ímpeto foi o de reação a qualquer interferência de Sua mãe em seu Ministério: **“Mulher, que tenho Eu contigo? Ainda não é chegada a Minha hora”** (João 2.4).

**“Que tenho Eu contigo?”** é a expressão de sua total desvinculação de quaisquer indícios de submissão à Sua mãe carnal. Na majestosa dignidade de Sua Pessoa só reconhece a Suprema Autoridade do Pai.

6) Ocorre-nos, outrossim, a pergunta de Cristo para confundir os fariseus: **“Que pensais vós de Cristo? De quem é Filho? Eles disseram-Lhe: De Davi. Disse-lhes Ele: Como é, então, que Davi, em espírito, Lhe chama Senhor... Se Davi, pois, Lhe chama Senhor, como é Seu Filho?”** (Mateus 22.42-45).

À luz destas palavras de Jesus, torna-se razoável a pergunta aos insistentes pregadores da maternidade divina de Maria, inculcando em Cristo uma certa submissão filial à pretensa autoridade de Maria: SE, POIS, ESTA O CHAMA SEU SENHOR (Lucas 1.46), COMO É ELE SEU FILHO?

A resposta ignorada pelos fariseus e pelos católicos é que, de fato, era Ele Filho de Davi, bem como Filho de Maria, SEGUNDO SUA DESCENDÊNCIA CARNAL. Na majestade de Sua Pessoa, no entanto, Ele é Deus, Senhor de Davi e Senhor de Maria, e nesta condição é-Lhe impossível obediência ou submissão a Davi ou a Maria.

A própria Virgem, na humildade simpática de suas palavras, protesta contra a irreverente autoridade maternal sobre Jesus Cristo que a idolatria lhe quer atribuir: **“A minha alma engrandece ao SENHOR e o me espírito se alegra em Deus, meu SALVADOR”** (Lucas 1.46-47).

**.oOo.**

# A IMACULADA CONCEIÇÃO

Insurgem-se os crentes contra a insensatez da afirmativa de haver Maria sido concebida sem o pecado original.

1) Aliás, o dogma da Imaculada Conceição, como é denominada essa doutrina característica do catolicismo romano, é muito recente. Proclamou-o o papa Pio IX em 08 de Dezembro de 1854.

O fato de ser essa doutrina recente demonstra ser ela uma das muitas inovações do romanismo. Se o seu enunciado fosse verdadeiro devia pelo menos ser tão velho quanto o Cristianismo.

Até 8 de Dezembro de 1854 quem descrese dessa afirmação permaneceria em comunhão com o catolicismo. O próprio Tomás de Aquino, considerado o maior teólogo católico, a combateu. E se ele tivesse vivido em nossos dias estaria excomungado, a menos que se curvasse ao novo dogma.

2) A Bíblia, a Palavra de Deus, é muito clara também quanto à universalidade do pecado. Dele a ninguém isenta.

Em Romanos 11.32, Paulo apóstolo é além de explícito: **“Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia”**.

E em Romanos 3.23 o apóstolo assegura: **“Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”**. A TODOS incluiu Deus na desobediência porque TODOS são pecadores. Inclusive Maria!

TODOS! As Sagradas Escrituras não abrem exceção para ninguém. Nem para os patriarcas do Velho Testamento, incluindo-se Abraão, o pai dos crentes. Nem para Davi, o varão segundo o coração de Deus (Atos 13.22). Nem para Enoque, que andou com Deus (Gênesis 5.24), e nem a Elias, o grande profeta, ambos trasladados sem a triste experiência da morte. Nem para Moisés, o chefe máximo do povo hebreu. Nem para as santas mulheres. Nem para João Batista, o maior dos

nascidos de mulher (Mateus 11.11). Nem para nenhum dos profetas. Nem para os apóstolos de Cristo.

Em nenhuma passagem bíblica se vislumbra, nem de longe, qualquer leve indício de exceção para Maria.

Só Um foi isento do pecado. Do pecado de origem e do pecado pessoal: Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador! **“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa comparecer-se das nossas fraquezas; porém Um que, como nós, em tudo foi tentado, mas SEM PECADO”** (Hebreus 4.15).

Jesus é Deus e, como Deus, em decorrência lógica de Sua Divindade, Ele está isento do pecado. A Bíblia é claríssima ao anunciar essa exceção. **“Porque nos convinha tal Sumo Sacerdote [Jesus Cristo], Santo, Inocente, IMACULADO”** (Hebreus 7.26).

Em tudo Ele Se assemelhou a nós outros para se condoer das nossas fragilidades (Hebreus 2.17).

A consequência dolorosa do pecado é a morte. **“Pelo que, como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram”** (Romanos 5.12).

Só Jesus Cristo morreu inocente e IMACULADO. Morreu, qual Cordeiro IMACULADO (1ª Pedro 1.19), pelo pecados dos outros a fim de resgatar os que nEle confiam. **“Deus prova o Seu amor para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”** (Romanos 5.8)

Maria, como qualquer ser humano, morreu. E se ela morreu, o pecado passou-lhe pela alma. Negar esta verdade é negar a Palavra de Deus.

**3)** Quando o anjo Gabriel anunciou-lhe a concepção de Jesus, Maria muito se turbou. **“Disse-lhe então o anjo: Maria, não temas, porque ACHASTE GRAÇA diante de Deus”** (Lucas 1.30).

Só o pecador acha graça diante do Senhor, pois, antes de encontrá-la não a tem. Só acha alguma coisa quem não tem esta coisa. Se Maria achou graça é porque antes a não tinha.

**4)** Maria, como qualquer outra criatura humana, foi concebida por geração normal. Não foi ela concebida por

obra e graça do Espírito Santo, como aconteceu com Jesus Cristo. Nesse caso, como poderia ela ser concebida imaculadamente e nascer sem o pecado original?

É evidente que Deus não podia, consoante sua Santidade infinita ultrajada pelo pecado, dispensar a raça de Adão, a humanidade do primeiro homem, da participação do pecado de origem. Se o fizesse faltaria à Sua Justiça.

Se Lhe fosse possível eximir a humanidade desse labéu, tê-lo-ia feito a fim de livrá-la de tantos sofrimentos e a Seu Filho Amado da ignomínia da cruz.

Mais ainda! E isto é sumamente importante! Se Ele pudesse deixar de imputar à raça humana o pecado de Adão, o cabeça da humanidade, o sacrifício de Cristo não seria uma necessidade de Justiça Divina, como na realidade ocorre.

Ora, se Ele livrasse um só descendente de Adão dessa mácula original, poderia livrar dois, cinco, cem, mil; enfim, todos os homens e todas as mulheres. Logo, a Sua Santidade e a Sua Justiça, que O impedem de isentar a todos, impedem-nO de livrar um.

**5)** Os sacerdotes católicos ensinam aos seus fiéis que Maria é imaculada em sua concepção, ou seja, que ela não herdou o pecado de origem. E, na pretensão de dar uma prova das Sagradas Escrituras, citam as palavras do anjo Gabriel pronunciadas quando do anúncio a Maria da geração de Jesus Cristo: **“Ave, CHEIA DE GRAÇA”** (Lucas 1.28).

São os malabarismos da exegese católica, feita de adulterações da Palavra de Deus. Os sacerdotes montaram um trapézio em bases falsas como, de resto, sempre fazem quando arrolam textos bíblicos mal interpretados ou mal traduzidos no intento de dar arremedos de provas das Escrituras para seus erros.

Traduzem mal o vocábulo original grego **“kecharitoméne”** (o grego é a língua em que foi escrito originalmente o Novo Testamento). Traduzem-no erradamente por **“cheia de Graça”**. **Kecharitoméne** é o particípio do verbo **charitoô**, cujos significados são: “fazer aceitável, distinguir com algum favor, aceitar, receber bondosamente, favorecer, estimar”.

João Ferreira de Almeida, o tradutor da Bíblia usada pelos evangélicos no Brasil, foi correto e fiel ao traduzir **“kecharitoméne”** por **“agraciada”**.

A locução “cheia de graça”, portanto, ao invés de tradução, é uma adulteração, uma corrupção da Palavra de Deus. E esse verbo **“charitoô”** é encontrado outra vez no novo Testamento, em Efésios 1.6, que Jerônimo, na sua Vulgata latina, traduziu certo por **“gratificavit”** (isto é, **“tornou agradável”**). E João Ferreira de Almeida verteu para o nosso idioma assim: **“fez agradáveis”**.

Os teólogos romanistas agiram de má fé, a menos que todos hajam estudado com chineses analfabetos.

Acresce, outrossim, uma observação importantíssima: o próprio Gabriel, o anjo anunciador, destrói a ambição dos sacerdotes no interesse de encontrarem base para a imaculada conceição de Maria naquele mal traduzido: **“cheia de graça”**.

Com efeito, diante da perturbação de Maria, **“disse-lhe o anjo: Maria, não temas, porque ACHASTE GRAÇA diante de Deus”** (Lucas 1.30).

Se achou graça é porque antes não a tinha, como já analisamos no tópico 3 deste estudo.

6) Poderia ainda algum empedernido devotíssimo mariano engendrar esta explicação: **“Bem, Deus abomina o pecado. Está certo! Portanto, para que Maria lhe fosse altamente agradável ou abundantemente favorecida (aceitando-se como certa a tradução do verbo grego charitoô), era necessário, indispensável, que ela fosse puríssima. É claro, ainda, que ela não seria puríssima se houvesse sido concebida com o pecado original”**.

À primeira vista parece-nos que a explicação do mariano devoto é razoável.

Acontece, todavia, que, se fosse razoável, iríamos encontrar nas Escrituras muitas imaculadas conceições.

O próprio anjo Gabriel, quinhentos e tanto anos antes de anunciar a Maria, fora enviado ao profeta Daniel. Declarou-lhe haver sido enviado por Deus em resposta às suas súplicas: **“Porque és mui amado”** (Daniel 9.23).

Ora, para que fosse **mui amado** era preciso que fosse **altamente agradável**. Então, também concebido

sem pecado, a admitir-se o argumento do mariano devoto.

Dever-se-ia crer também na imaculada concepção de Enoque que **“andou com Deus”** e foi-Lhe tão altamente agradável, fez-se de tal maneira aceito, foi tão favorecido, que o Senhor o levou para o Céu sem ter de passar pela morte (Gênesis 5.24).

Admitir-se-ia, para se ser coerente, a imaculada concepção de Moisés, tão favorecido, tão agradável a Deus, que **“falava o Senhor a Moisés cara a cara, como qualquer fala com seu amigo”** (Êxodo 33.11).

Incluir-se-ia entre tantas imaculadas concepções a de Davi, que era tão agradável ao Senhor e dEle tão favorecido a ponto de ser considerado o varão segundo o coração de Deus (Atos 13.22).

Enfim, a aceitar-se o argumento do mariano devotíssimo, todos nós gozaríamos da imaculada concepção, porquanto o próprio Jesus Cristo diz que **“Deus AMOU o mundo de tal maneira que deu Seu Filho unigênito...”** (João 3.16). E Paulo apóstolo: **“Mas, não é assim o DOM GRATUITO como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mas a graça de Deus e o DOM PELA GRAÇA, que é dum só homem, Jesus Cristo, ABUNDOU SOBRE MUITOS. Veio, porém, a Lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, SUPERABUNDOU A GRAÇA. Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a ABUNDÂNCIA DA GRAÇA, E DO DOM DA JUSTIÇA, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo”** (Romanos 5.15, 20, 17).

Os destaques em negrito servem para demonstrar que, se aceitarmos a explicação do devotíssimo mariano, todos teríamos sido concebidos sem pecado de origem.

Os crentes em Jesus Cristo, então de maneira especial, poderiam apregoar a sua imaculada concepção à luz da declaração de Paulo Apóstolo e sua Epístola endereçada aos crentes de Éfeso: **“E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para Si mesmo, segundo o beneplácito de Sua Vontade, para louvor e glória da Sua graça, pela qual nos FEZ AGRADÁVEIS a Si no Amado”** (Efésios 1.5,6).

Releva notar-se que o apóstolo emprega aqui o verbo grego “**charitoô**”, que é traduzido “**fazer agradável**”.

Em conclusão e para se fugir ao absurdo de tantas imaculadas conceições, a lógica e o bom senso nos levam a reconhecer que um descendente de Adão, como Maria, muito bem pode ser **altamente agradável** a Deus, **abundantemente favorecido** e até **cheio de graça**, como quer a tradução errada dos sacerdotes, sem ter sido concebido isento do pecado de origem.

Sem gozar da imaculada conceição, o pecador salvo por Jesus Cristo pode ser **altamente agradável** a Deus e **abundantemente favorecido**.

**7)** Enoque, Moisés, Daniel, Davi e todos os crentes em Cristo são **altamente agradáveis** ao Senhor e por Ele **abundantemente favorecidos**.

Destaca-se nos Evangelhos, outrossim, a presença ímpar do precursor de Jesus Cristo, João Batista, não simples profeta mas, sim, “**muito mais que profeta**”, de quem o próprio Senhor disse: “**Em verdade vos digo que, dentre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista**” (Mateus 11.9,11).

Pois bem, esse João Batista, o maior dentre todas as criaturas humanas, portanto maior de que Maria!, esse João Batista foi “**cheio do Espírito Santo**” desde o ventre materno (Lucas 1.15).

CHEIO DO ESPÍRITO SANTO!

CHEIO DE GRAÇA!!!

É de se querer maior graça do que o Espírito Santo?

E terá, por esse motivo, sido João Batista concebido sem o pecado original?

É claro que não!

**8)** Os sacerdotes católicos firmam-se em outro texto das Escrituras por julgá-lo inexpugnável. É Gênesis 3.15: “**E porei inimizade entre ti e mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar**”.

Encontram-se, na realidade, essas palavras no texto assinalado. Proferiu-as o Senhor Deus à serpente após haver induzido ao pecado os nossos primeiros pais.

Os sacerdotes afirmam ser aquela mulher aludida na Escritura acima a virgem Maria que, pelas suas virtudes, pureza e imaculada concepção, triunfou de Satanás, esmagando-lhe a cabeça. Se nela houvesse o labéu do pecado original, a promessa de Deus não teria se cumprido, porque, nesse caso, o diabo teria levantado a sua cabeça contra ele. Portanto, para que Maria esmagasse a cabeça da serpente, de Satanás, torna-se indispensável fosse ela concebida isenta da mácula de origem, ensinam os clérigos marianistas.

Divulgam-se, por isso, tantas imagens e quadros de Maria a esmagar sob seus pés a serpente.

Eis aí o ensino dos sacerdotes romanos no seu afã de propagar a devoção e culto a Maria.

Pretender-se extrair dessa passagem das Escrituras o dogma da imaculada concepção significa pretender-se uma prodigiosa alquimia.

Poucas observações espatifarão as suas milagrosas retortas!

**a)** O texto não diz que a “**mulher**” feriria a cabeça da serpente. Em absoluto, não diz!

Diz, sim, que a “**semente**”, a **posteridade**, a **descendência** da mulher ferirá a cabeça da serpente.

**b)** No original hebraico e na versão grega dos Setenta, a palavra traduzida, “**ela**” (ferirá) não pode referir-se à “**mulher**” por ser aquela palavra no grego (que traduz legitimamente o hebraico) do gênero neutro. “**Ela**” se refere, portanto, a “**semente**”, que também é do gênero neutro.

**c)** O padre Antônio Pereira Figueiredo, em sua tradução portuguesa da Bíblia, comenta sobre este versículo: “É, porém, de notar que, onde nossa Vulgata diz IPSA (= ela), referindo para a mulher, trazem os Setenta IPSA (= ele), referindo para o filho da mulher”. O que faz mais evidente que esta passagem é uma profecia da vinda do Salvador.

**d)** Com efeito, na cruz do Calvário, Cristo esmagou a cabeça da serpente, o poder de Satanás, embora este Lhe haja ferido os pés. O Novo Testamento é claro no ensino desta verdade (Hebreus 2.14; Colossenses 2.14-15).

**9)** Invoquemos o depoimento da própria Maria.

É ela mesma quem, ao responder a saudação de sua prima Isabel, reconhece em Deus, o seu Salvador, quando proclama **“a minha alma engrandece ao Senhor e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador”** (Lucas 1.46-47).

Se estivesse sem pecado, é evidente que não poderia admitir Deus como seu Salvador. Se assim o fizesse, mentiria. E, se mentisse, já incorreria em pecado.

Com os seus próprios lábios, por conseguinte, Maria contradiz a credence popular de haver sido ela sem pecado.

Sua alma se alegrou em extremo no seu Salvador. Ora, Jesus declara que **“não necessitam de médicos os sãos, mas sim os doentes”**. Afirma ainda: **“Eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento”** (Mateus 9.12,13).

Ora, ao chamá-la Maria – e o faz com profunda gratidão – de seu Salvador é porque se reconhece participante da herança universal do pecado de nossos primeiros pais.

**10)** Reconhecendo-se batidos pelas Sagradas Escrituras, os sacerdotes romanistas, no propósito de conservar seus fiéis presos ao marianismo, recorrem a arrazoados e desarrazoados.

Asseguram: O ventre que trouxe o Senhor Jesus Cristo durante nove meses devia ser puríssimo.

É petulância ultrajante arvorarem-se os sacerdotes em conselheiros de Deus, sugerindo-Lhe o que deveria fazer.

O que devia ser é o que é! O que Deus fez está feito por ser o que deveria ser feito!!!

Jesus Cristo, como Filho **imaculado** de Deus, bem pôde habitar durante o processo da gestão de Suas carnes nas entranhas manchadas pelo pecado original. Com isso, Ele não Se contaminou.

Ele habitou 33 anos neste mundo de pecados sem Se contaminar. E não poderia, pois, habitar nove meses no seio de uma herdeira de Adão, sem Se manchar?

O Espírito Santo, Terceira Pessoa da Trindade Santíssima, habitou nos profetas, em João Batista e

habita no corpo de todos os crentes evangélicos, que é o Seu templo (1ª Coríntios 6.19) e não Se contamina.

Ocorre, outrossim, que o pecado original não se localiza nas entranhas de ninguém e não consiste em bacilos venenosos disseminados pelo sangue. O pecado original tem como sede a alma e não o seio e o sangue de Maria.

.oOo.

## **A MEDIANEIRA**

Se alguém chegasse junto de uma pessoa e a chamasse de médico, de grande presidente da república, de famoso engenheiro construtor da Via dos Imigrantes ou da Ponte Rio-Niterói, sem que essa pessoa nada disso fosse, ou nada disso houvesse construído, é certo que a ofenderia e mereceria por isso uma advertência.

Se Maria soubesse do que se diz a seu respeito e pudesse se manifestar, garanto que recriminaria a todos quantos a consideram mãe de Deus, concebida sem pecado e medianeira de todas as graças. Ela tomaria tudo isso como insulto, zombaria ou “gozação”.

Ela não é nem mãe de Deus, nem imaculada em sua concepção e nem medianeira.

**1)** Com efeito, para alguém precisar trocar uma lâmpada instalada no alto forro de sua sala, por não ter estatura suficiente, há de se valer de uma escada. A escada faz, no caso, o papel de medianeira porque as suas extremidades contactam com o chão e com a altura de três metros. Só Jesus Cristo tem condições de ser mediador entre Deus e os homens e entre estes e Deus, porquanto é Ele o Único Personagem a desfrutar da circunstância de poder tocar simultaneamente na humanidade e na Divindade.

Como Homem, Ele contacta com a humanidade, e como Deus, com a Divindade. É o personagem ímpar: Deus e Homem.

2) É nesse sentido que a preciosa Palavra ensina: **“Porque há um só Deus e UM SÓ MEDIADOR entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem, o Qual Se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo”** (1ª Timóteo 2.5-6).

Ao tempo de sacerdote, quando espremido por alguém a me apresentar este versículo, tentava desvencilhar-me dele com a seguinte explicação absurda: aquele **“UM SÓ”** quer dizer principal. Nesse caso, o verso deveria ser entendido assim: Jesus é o principal Mediador a admitir mediadores secundários e a Ele subalternos. Jesus é o Mediador e Maria é a medianeira entre os homens e Jesus Cristo. E lá me saía com o aforisma latino: **“AD JESUM PER MARIAM”**, que, em português, quer dizer: **“A JESUS POR MARIA”**. Esta explicação nada explica e só serve para enganar os ingênuos.

O texto das Escrituras é muito claro e de uma lógica meridiana. Assim como há UM SÓ DEUS e não pode haver além de um Deus, assim também há UM SÓ MEDIADOR: Jesus Cristo. Ele não é o principal dentre outros. ELE É O ÚNICO!!!

3) Há, ainda, a considerar-se outro aspecto importantíssimo do assunto. Só pode se desincumbir da tarefa mediatória quem conhece os assuntos a ela atinentes. Do contrário será um simples portador de recado.

Maria é impossibilitada de conhecer todas as coisas. Aliás, quando viveu nesta terra, ignorava tantos fatos. E fatos importantíssimos relacionados com Jesus.

Quando o anjo Gabriel, ao saudá-la, lhe anunciou a concepção de Cristo, **“turbou-se muito com aquelas palavras, e considerava que saudação seria esta”** (Lucas 1.29). E, por desconhecer o plano de Deus para a encarnação do Verbo, ela indaga a Gabriel: **“Como se fará isto, visto que não conheço varão?”** (Lucas 1.34). Se perguntou foi por ignorar. Ignorando, pediu explicações.

Noutra oportunidade ainda revelou ela o seu desconhecimento. E foi numa circunstância sobremaneira importante. Quando Jesus estava com

doze anos de idade foi por José e Maria levado a Jerusalém para uma festa religiosa. Ao regressarem, **“ficou o menino Jesus em Jerusalém, e não o souberam seu pais”** (Lucas 2.43)

Note-se: Maria, por ser limitada, como qualquer outra mãe, ignorava a permanência do seu próprio filho lá no templo. **“Pensando, porém, eles [Maria e José] que viria de companhia pelo caminho de um dia, e procuravam-nO entre os parentes e conhecidos; e, como O não encontrassem, voltaram a Jerusalém em busca dEle”** (Lucas 2.44-45).

Maria ficou na suposição por desconhecer o paradeiro certo do menino. Procurou-O e O procurou, decerto, com extrema aflição durante três dias.

Ela se demonstrou ignorante da estada de Jesus no Templo, tanto quanto o seu esposo José. Esta ocorrência demonstra a limitação humana de ambos.

Se Maria procurou Jesus é porque desconhecia o Seu paradeiro, tanto quanto José o ignorava. Ao encontrá-lo manifestou outra vez a sua ignorância: **“Filho, porque fizeste assim conosco?”** (Lucas 2.48). Por desconhecer o motivo de semelhante procedimento por parte de Jesus, perguntou-Lhe.

Se, enquanto viveu neste mundo, ignorava coisas tão importantes relativas ao seu próprio Filho segundo a carne, como há de agora, quando não mais se encontra na terra, saber das rezas que lhe dirigem, ao mesmo tempo, de tantas partes do globo? Para saber de tantas súplicas e tantas devoções deveria ela estar presente ao mesmo tempo em todos os lugares e, simultaneamente, saber todas as coisas.

Só Deus, contudo, é Onipresente e Onisciente. Só Deus, por ser Deus, sabe, ao mesmo tempo, de todas as coisas passadas, presentes e futuras. Só Ele está, ao mesmo tempo, em todo os lugares. Supor-se Maria medianeira é admiti-la uma deusa. Em conseqüência, seria negar Deus.

Não crê no Deus verdadeiro quem crê na medianeira. Porque, em sendo medianeira, Maria é deusa. Então, o deus dos devotos da medianeira não é Deus ÚNICO. Se não é ÚNICO não é verdadeiro.

**4)** É um engodo de porta de boteco pretender basear-se a cobiçada mediação de Maria no fato de haver Deus Se servido dela para nos enviar Jesus Cristo, Seu Filho unigênito, na forma humana.

Deus sempre Se valeu de homens para a Sua causa atribuindo-lhes tarefas específicas. Através de Moisés, deu a Lei ao Seu povo e, a ser-se coerente, então deve-se atribuir-lhe uma função mediatória também agora, depois de haver partido deste mundo. Seria ainda o caso de Davi, de Elias, de João Batista (que recebeu o Espírito Santo já no seio materno) e de Paulo apóstolo, dentre tantos outros. Seria o caso de atribuir-se esse poder a todos os crentes em Jesus Cristo, cujos corpos são templos do Espírito Santo (1<sup>a</sup> Coríntios 6.19-20).

Um barco transportou Jesus pelo mar da Galileia e um burrico quando de Sua entrada solene em Jerusalém. Na hipótese absurda de Maria medianeira por haver sido o instrumento para a encarnação do Verbo, dever-se-ia levar também em conta aquele feliz barco e o pacato burrico.

**5)** Se, porventura, houvesse Deus concedido a Maria poder e autoridade para influir na vontade de Jesus, como os sacerdotes romanos ensinam, encontraríamos nas Escrituras frequentes alusões a essa capacidade mediatória.

Os profetas, decerto, teriam predito a excelência da mãe quando anunciaram a vinda do Salvador. E em o Novo Testamento as evidências seriam abundantes da sua tarefa de medianeira.

Seria, no caso, natural que, na ocasião do nascimento de Jesus Cristo, os anjos prestassem à Sua mãe homenagem de culto e Zacarias, Simeão e Ana lhe manifestassem devoção.

Nos relatos evangélicos alusivos a Maria ela jamais aparece a oferecer os seus préstimos como mediadora. Jamais a encontramos a levar a Jesus Cristo quem quer que seja.

**6)** A ninguém encontramos em o Novo Testamento à procura da eficácia de Maria. Dentre os milhares de pessoas que procuraram Jesus a nenhuma ocorreu semelhante idéia.

Nem Pedro, quando se arrependeu de haver negado o Mestre, foi procurá-la a pedir-lhe o valimento de sua intercessão.

A **“mulher da cidade, uma pecadora”** cujos pecados eram muitos (Lucas 7.37-48) não julgou ser-lhe necessária a mediação de Maria. De igual modo, se houve aquela outra mulher vítima durante 12 anos de fluxo de sangue (Lucas 8.43-48)

Marta e Maria de Betânia, aflitíssimas, na ocasião da enfermidade de seu irmão Lázaro, não se valeram da mãe de Jesus, embora, por certo, nutrissem, com ela relação de intimidade (João 11.1-45).

Nenhum pecador, por mais depravado, buscou o valimento mediatório de Maria. Lembramo-nos daquela prostituta da Samaria com quem Jesus, à beira do poço de Jacó conversou (João 4.3-30). Nem os próprios discípulos ali se encontravam naquele instante.

**“Se tu conheceras o dom de Deus”,** disse-lhe Jesus, **“e Quem é o que te diz: Dá-Me de beber, tu LHE PEDIRIAS, e ELE TE DARIA água viva”** (João 4.10).

Na hipótese de constituir Maria medianeira, certamente Jesus Cristo não omitiria instruir acerca do assunto aquela mulher nesta ocasião.

**7)** Avalie-se, outrossim, a suposta influência e o poder de Maria sobre seu Filho, segundo a carne, nas três oportunidades em que ela teve de se comunicar com Ele.

A primeira ocorreu quando Jesus, aos doze anos de idade, encontrava-Se sob tutela de seus pais. Maria demonstrou-Lhe sua aflição e a palavra de seu Filho revela toda e qualquer impossibilidade de poder exercer ela qualquer leve influência sobre Ele: **“Por que é que Me procuráveis? Não sabeis que Me convém tratar dos negócios de Meu Pai?”** (Lucas 2.49).

Por certo esta resposta franca de Jesus Cristo suscitou à mãe de Suas carnes a necessidade de acautelar-se para se esquivar de qualquer interferência na vontade de Jesus.

A segunda aconteceu quando das bodas de Caná da Galiléia. Notando a falta de vinho, elemento indispensável naquelas festas de então, limitou-se à

informação dessa falta: **“Não têm vinho”** (João 2.3). Ela nada pediu a Jesus.

Recorde-se do pormenor importante de que semelhantes festejos naquele tempo lá na Palestina duravam dias e dias. É evidente, pois, que Jesus não fez o milagre de transformar a água em vinho logo após a informação de sua mãe. Tanto assim que lhe retrucou: **“Mulher, que tenho Eu contigo? Ainda não é chegada a Minha hora”** (João 2.4).

E a terceira oportunidade ocorreu quando Jesus, em plenas atividades ministeriais, Se afadigava com Suas pregações a ponto de faltar-lhe tempo para repousar e alimentar-Se (Marcos 3.20). Vencida pelo carinho materno e inquieta acerca da Sua saúde, ousou interrompê-lo.

**“Chegaram então Seus irmãos e Sua mãe; e, estando fora, mandaram-nO chamar. E a multidão estava assentada ao redor dEle, e disseram-Lhe: Eis que a Tua mãe e Teus irmãos Te procuram, e estão lá fora. E Ele lhes respondeu, dizendo: Quem é Minha mãe e Meus irmãos? E, olhando em redor para os que estavam assentados junto dEle, disse: Eis aqui Minha mãe e Meus irmãos. Porquanto qualquer que fizer a vontade de Deus esse é Meu irmão, e Minha irmã e Minha mãe”** (Marcos 3.31-35).

Reconheceu-se destituída de qualquer influência sobre Jesus, que se valeu de alguém que lhe transmitisse o recado.

As palavras de Cristo, outrossim, são de clareza meridiana. Nem atendeu o pedido de Maria, deixando a multidão de ouvintes para ir falar-lhe. Jamais afirmou: “A vontade de Minha mãe é lei para Mim”. Ao contrário, Suas respostas a Maria sempre foram em termos desabridos, aliás, nunca usados para os que Lhe solicitavam a Sua graça e a Sua bênção. Essas palavras terminantes, demonstram-nos haver Ele, por ser Deus, previsto para os séculos vindouros as fabulosas excrescências do evangelho adulterado com as devoções marianas.

**8)** Uma única vez, após a Ascensão, o nome de Maria é mencionado. Quando Lucas relata o recolhimento dos discípulos no cenáculo, informa:

**“Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria, mãe de Jesus, e com Seus irmãos”** (Atos 1.14). Seu nome aparece misturado entre o de tantas pessoas.

Ausentes dos Atos dos Apóstolos, da História do Cristianismo primitivo dos tempos apostólicos, e das Epístolas quaisquer leves indícios de que alguém, homem ou mulher, fosse a ela com o intuito de se beneficiar com as suas orações de medianeira. O próprio João, em cuja casa recolheu Maria, a pedido de Jesus, em suas Cartas nenhuma referência faz acerca da suposta mediação mariana. Nem mesmo menciona uma vez sequer o nome dela.

**9) Jesus, o ÚNICO MEDIADOR** (1ª Timóteo 2.5-6), a todos convida à confiança nEle: **“VINDE A MIM todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei”** (Mateus 11.28). O Seu Trono é um Trono de Misericórdia e Graça! Assemelhá-IO aos poderosos do mundo, dos quais se obtém a satisfação dos nossos interesses com o valimento de terceiros, os “pistolões”, é amesquinhá-IO.

Jesus Cristo é Onipotente e Onipresente, enquanto os chefes de Estado são sempre limitados pela sua própria contingência humana e impossibilitados de atender a todos. **“Visto que temos um grande Sumo Sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão. Chegemos, pois, com confiança ao Trono da Graça para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno”** (Hebreus 4.14,16).

.oOo.

## **MÃE DOS HOMENS**

A devoção católica sugere tantas atribuições a Maria que gera uma verdadeira confusão nas pessoas que resolvem pensar um pouco.

Ensinam os sacerdotes que Maria é filha de Deus Pai, mãe de Deus Filho e esposa de Deus Espírito Santo. E, em sendo mãe de Deus Filho, é a mãe dos homens.

Veja-se a confusão! Se ela é a esposa do Espírito Santo, o Espírito Santo é que deveria ser Deus Pai. E a Primeira Pessoa da Trindade?

Se ela, outrossim, é esposa do Espírito Santo, é desta Terceira Pessoa da Trindade que Jesus deveria ser o Filho e não da Primeira.

Agora, a Bíblia ensina que os crentes em Jesus Cristo são filhos de Deus **“sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo”** (Gálatas 3.26), do Pai porque o pai é quem tem filhos. Se somos filhos de Deus Pai, Maria é nossa irmã porque ela também é filha do mesmo Pai. No caso de ser esposa da Terceira Pessoa, e sendo ela nossa mãe, deveríamos ser filhos do Espírito Santo.

**1) Os sacerdotes romanistas, ao impingirem a Maria o atributo de mãe dos homens, recorrem, num passe de mágica de uma exegese esdrúxula, ao texto de João 19.25-27: “E junto à cruz de Jesus estava Sua mãe, e a irmã de Sua mãe, Maria de Cleofas, e Maria Madalena. Ora, Jesus, vendo ali Sua mãe, e que o discípulo a quem Ele amava estava presente, disse à Sua mãe: Mulher, eis aí o teu filho. Depois disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa”.**

Alvíssaras! EXCLAMAM OS DEVOTOS MARIANOS. Temos as Escrituras a nos revelarem a maternidade universal de Maria. O apóstolo João, aí ao pé da cruz, representa a humanidade inteira, a qual na pessoa do discípulo amado foi entregue à virgem para que ela a recebesse em seu coração protetor e lhe fosse mãe carinhosa.

É de se lamentar tamanho cúmulo de imposturas. Essa conclusão marianista raia ao crime de lesa-inteligência e de lesa-Bíblia.

**a) Note-se o vocativo: “MULHER!”** Nem na hora suprema de Sua morte Jesus a chama de mãe. Nunca Jesus a chamou de mãe. Sempre de mulher.

Imagine-se um filho a chamar sempre a sua mãe de mulher ou mesmo de senhora. *“Mulher, dá-me um copo*

*d'água! Mulher, passa a ferro minha camisa! Senhora, arruma minha cama! Senhora, vou sair!* Sem nunca chamá-la de mãe!!! Que mãe apreciaria esse comportamento do filho?

Conheço uma senhora que teve certas dificuldade com seu filho. Este ficou muito magoado e se convenceu de que não tinha mais mãe. Passou, daí por diante, a chamá-la sempre de Dona Rita. Era sempre a Dona Rita. *“Bom dia, Dona Rita! Cuidado ao atravessar a rua, Dona Rita!”* Dona é sinônimo de senhora. Sem dúvida, é tratamento respeitoso.

Agora, é respeitoso para pessoas que não são filhos daquela que é a sua mãe. Aquela senhora, depois de algum tempo, sentiu-se ofendida com o tratamento de Dona. Falou com o filho. *“Sou sua mãe e quero que me chame de mãe!”* Estava certa ela. Bem ou mal, era mãe daquele moço.

Por que Maria nunca reclamou de Jesus aquele tratamento de mulher ou senhora? Porque ela sabia qual era a espécie de maternidade que a ligava a Jesus Cristo.

**b)** Leia-se a última informação do texto daquela Escritura acima transcrita: **“E desde aquela hora o discípulo a recebeu em sua casa”**.

Quem foi o acolhedor? Quem foi a acolhida? Vê-se bem! É o discípulo quem acolhe Maria. E não Maria quem acolhe o discípulo. Quem precisa de proteção é Maria e não João. Com certeza José, seu esposo, havia morrido. Maria ficaria desamparada.

Não tinha ela outros filhos? Tinha. Mas, eram incrédulos. O próprio João é quem nos informa: **“Nem mesmo Seus irmãos criam nEle”** (João 7.5).

Os laços da fé são mais sólidos que os do sangue. Confiaria Jesus a incrédulos Sua mãe? Confiou-a aos cuidados do discípulo amado. Obedeceu-O João e levou Maria para sua casa.

Onde se encontra aí a nomeação de Maria como mãe dos homens? Com que argumento os sacerdotes do marianismo provam que João representava a humanidade?

**2)** Apesar de frustrados os seus intentos de fundamentar a maternidade universal de Maria nesse

episódio da sua entrega a João, os pregadores marianistas recorrem ao sentimentalismo.

*Nos momentos de tristeza e de dor, a quem recorre a criança ou o moço para confiar suas necessidades e suas lágrimas? Não ao pai, mas sim à mãe! Por inferência, no seio de uma mãe celeste, Maria santíssima, depomos nossos pedidos e nossas lágrimas!*

É esta a ofensa mais grave que os devotos marianos assacam contra Deus, que nos amou até a morte ignominiosa da cruz. Esta ofensa procede da irracional comparação do céu com a terra.

O Pai celestial nem de longe Se assemelha aos pais terrenos. Todas as ternuras dos santos, dos corações mais sensíveis e dos anjos encontram-se infinitamente distantes do amor dAquele que **“de tal maneira amou o mundo que deu o Seu Filho Unigênito para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”** (João 3.16).

Toda a ternura dos santos, das santas e dos anjos está muito longe, infinitamente longe, de se comparar ao profundo amor do terníssimo Salvador, que trocou as glórias celestiais pela humildade da manjedoura, pelo vilipêndio do açoite e da crucifixão, por amor a nós.

O marianismo é ímpio. Ímpio porque dissemina a abominável idéia de que há mais amor, mais ternura, mais simpatia no coração de uma mulher como Maria do que em Deus Pai e do que em Jesus Cristo, nosso terníssimo Redentor.

Oh! As chagas do adorável Redentor falam mais alto de amor... Do amor infinitamente terno... Do amor incomparável... Dom inefável!!! Deponhamos as nossas súplicas! Deponhamo-nos a nós mesmos no coração infinitamente terno dAquele que Se fez nosso irmão, assemelhando-Se em tudo a nós outros (menos no pecado) e nos abriu os braços na cruz do Calvário.

Lá no Calvário, donde nos dirige o convite: **“VINDE A MIM. TODOS OS QUE ESTAIS CANSADOS E OPRIMIDOS, E EU VOS ALIVIAREI. TOMAI SOBRE VÓS O MEU JUGO, E APRENDEI DE MIM, QUE SOU MANSO E HUMILDE DE CORAÇÃO; E ENCONTRAREIS DESCANSO PARA AS VOSSAS ALMAS”** (Mateus 11.28-29).

**3)** Ao encerrar a sua Quarta Sessão, em 21 de novembro de 1.964, o Concílio Ecumênico Vaticano II proclamou Maria “MÃE DA IGREJA”, atributo este que envolve, por depender deles, os de medianeira, advogada e co-redentora dos pecadores.

Em seu discurso, na oportunidade do encerramento daquela sessão, o papa Paulo VI se alongou em exaltações ao novo título mariano e incluiu na ladainha de “nossa senhora” a invocação: “MATER ECCLESIAE, ORA PRO NOBIS! (“mãe da igreja, rogai por nós!”).

A sua encíclica “Christi Matri Rosarii”, de 15 de setembro de 1.966, e suas freqüentes mensagens sobre o marianismo, destacando-se a “Signum Magnum”, confirmam e reafirmam a permanência do culto mariano no contexto romanista. Se Maria é mãe dos homens, diz-se, com maior razão é mãe da “igreja”.

Ela é chamada mãe dos homens em sentido verdadeiro e próprio, no do que, por meio de uma real geração, comunica ao pecador a vida da graça, que consiste na participação da vida e da natureza divinas.

Pelo fato de ser Maria, ensinam os clérigos marianistas agora incentivados pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, pelo fato de ser Maria mãe de Cristo é também de maneira completa e em sentido estrito mãe da “igreja”, que é o corpo de Cristo. Em suas entranhas, ao gerar Cristo, gerou a “igreja”. Seria Cristo, que é a Cabeça da Igreja, um monstro se Maria houvesse gerado apenas Cristo, sem Lhe gerar o Corpo que é a Igreja.

As cogitações marianistas raiam aos espasmos da loucura. Com efeito, ao gerar Cristo em suas entranhas, gerou-Lhe todo e somente o corpo físico. A Igreja é o corpo espiritual, místico, de Cristo.

Podemos chamar o presidente ou o chefe de qualquer instituição de sua cabeça. Podemos chamar de cabeça do Flamengo, do Internacional ou do Corinthians o seu presidente. Então, por isso, vamos dizer que a mãe desses senhores presidentes desses clubes de futebol é a mãe do Flamengo, a mãe do Internacional, a mãe do Corinthians? Mãe em sentido real, estrito? E se não a considerarmos assim, estaremos dizendo que, ao ser gerado qualquer um daqueles cidadãos, foi gerado um monstro da natureza? Seria absurdo e motivo de ser posto em camisa de força quem assim afirmasse. E por

que só agora, depois de dezesseis séculos de marianismo, que se descobriu essa maternidade eclesiástica de Maria? A invocação tão novíssima já revela sua falsidade. Aludi a dezesseis séculos de marianismo porque este principiou no ano de 431, quando, em Éfeso, foi proclamado o dogma da maternidade divina de Maria, a largada marianista. Se, consoante a declaração do Concílio Ecumênico Vaticano II, o atributo de Maria como mãe da “igreja” depende de seus atributos de medianeira, coredentora e advogada, já se constata a sua falsidade, pois, conforme já verificamos, a Bíblia e a razão reduzem a nada a coredenção, a advocatura e a mediação de Maria.

Há, outrossim, mais uma confusão criada com a maternidade eclesiástica de Maria.

Diz-se ser mãe a “igreja”. É a santa madre (“mãe”) “igreja”. Agora Maria é mãe da “igreja”. Na contextura católica, “igreja” é a própria hierarquia (isto é, os clérigos, os bispos, o papa). Os outros são os leigos. A “igreja” (a hierarquia) é a mãe dos católicos. Então, em sendo Maria mãe da “igreja” (a hierarquia), é ela a avó dos católicos.

Se, contudo, todos os católicos são “igreja”, a confusão se agrava. Com efeito, se a “igreja” são todos os católicos, como é ela (a “igreja”) a própria mãe dos católicos? Mas como o cidadão é mãe de si próprio? Se os católicos como “igreja” são mãe de si mesmos, como Maria é mãe deles por ser também mãe da “igreja”? Então, eles têm duas mães em sentido real e estrito! Uma, eles mesmos. E a outra, Maria.

Tchiiiiii... Que confusão!!! É o castigo que merecem os marianitas...

.oOo.

## **RAINHA DOS CÉUS**

Mãe de Deus! Mãe dos homens! Também rainha dos céus!!! Maria, no contexto do devocionalismo romanista é enaltecida com inebriantes atributos.

Dos homens não é apenas mãe. É também rainha porque rainha dos céus. Rainha dos santos. Rainha dos patriarcas. Rainha dos profetas. Rainha das virgens. Rainha dos mártires. Dos apóstolos. Rainha de toda a corte celestial!!!

Os católicos marianos fervorosos recitam a chamada “ladainha de nossa senhora”, que é uma seqüência enfadonha de inovações a Maria que invariavelmente terminam com a súplica: “rogai por nós”, tradução do latim: “ora pro nobis”. Lá na roça há os “tiradores de terço” ou capelães, como o povo os denomina, que, para fazerem valer sua autoridade espiritual, apreciam puxar a “ladainha” em latim. Os pobrezinhos nem português sabem... Imagine-se o latim deles. Ah, é verdade! Hoje não acontece mais isso porque até os padres abandonaram o latim.

Até há anos passados, contudo, os velhos capelães da roça tiravam a “ladainha” em latim com aquele intento de se conservarem prestigiados em seu mundo religioso. Ouvi muitas vezes esses devotos repetirem a invocação: “Regina patriarcharum, ora pro nobis” (que em português significa: “rainha dos patriarcas, rogai por nós”), no seu latim estropiado: “Regina partiu a cara, ora pro nobis”. Ouvi também a invocação: “Virgo praedicanda” (“virgem predicanda”) ser assassinada da seguinte maneira: “virgo pé de cana” a quem o povão respondia: “ora pró nós”.

O devocionário mariano popular é repleto de fatos semelhantes a esses. Aos paroxismos do delírio chegam as exaltações a Maria pelos seus fervorosos devotos.

Maria santíssima, como esposa do Espírito Santo, como mãe do Filho e filha do Pai Eterno é a rainha dos céus e senhora dos homens!!! Essas elucubrações do favor mariano, tão piegas, procedem do hábito de se comparar o céu com a terra. Para os devotos marianos no céu há de ser como na terra. E na terra de cem anos passados quando havia reis e rainhas. Senhores sacerdotes marianistas, não temos o direito de fazer nomeações no céu!

**1)** Aos devotos marianos ressalto a seguinte informação: Não duvido nada do que se acha escrito na Bíblia, consoante a palavra do apóstolo: **“Porque tudo**

**que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança”** (Romanos 15.4).

Que Maria seja filha do Pai nada a se objetar. Acerca de sua maternidade quanto a Jesus Cristo já discorreremos em capítulo anterior. Agora, quanto a ser ela esposa do Espírito Santo, recorramos às Escrituras. Vamos verificar a Bíblia, a nossa Única Regra de Fé.

Diz ela com toda a clareza ser Maria esposa de José. Mateus, por sinal, traz a genealogia de Jesus Cristo e a conclui com o nome de **“José, marido de Maria”** (Mateus 1.16).

É verdade que na geração de Jesus, o esposo de Maria não teve nenhuma interferência, porquanto a fecundação foi miraculosa por obra e graça do Espírito Santo. Concluir-se que, por esta obra do poder inefável do Espírito Santo, tornou-se Maria sua esposa, é perverter a significação dos vocábulos e cabal prova de lamentável confusão de idéias.

No princípio do mundo, o Deus Criador tomou do barro e modelou um homem perfeito e de uma costela desse homem formou uma mulher também perfeita. Milhares de anos após, do sangue de uma virgem forma um corpo perfeito o qual se uniu à Eterna Pessoa do Filho de Deus.

Explende nos três casos o exercício do Seu Soberano Poder. É uma irreverência, é uma impiedade, além de blasfemo e ridículo, o afirmar-se que, em conseqüência do exercício desse poder, José se tornara um esposo só para salvar as aparências sociais porque o verdadeiro esposo de Maria é o Espírito Santo.

Fundamentar-se, pois, o atributo de rainha do céu para Maria no fato da geração miraculosa de Jesus Cristo é pretender comparar o céu com as cortes terrenas. No céu, é evidente, não se senta uma rainha ao lado do Rei Supremo.

Sempre e em tudo os sacerdotes romanistas têm a mania de comparar o céu às organizações sociais e políticas dos homens da terra, não obstante caducas, obsoletas e ultrapassadas.

Seguirem-se os impulsos do coração em assunto religioso é correr o risco de se tornar ímpio, blasfemo e de se escapar da verdade revelada na Palavra de Deus.

Vem ao caso a lembrança da afirmativa do Senhor: **“Porque os Meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os Meus caminhos”** (Isaias 55.8).

2) Mas nas Escrituras Sagradas não se encontra passagem alguma que se refira à rainha dos céus? Ah, sim, encontramos! Em Jeremias 7.17-20. Leiamos-la! São afirmações de Deus ao profeta: **“Não vês tu o que andam fazendo nas cidades de Judá, e nas ruas de Jerusalém? Os filhos apanham lenha, e os pais acendem o fogo, e as mulheres amassam a farinha, para fazerem bolos à RAINHA DOS CÉUS, e oferecem libações a outros deuses, para Me provocarem à ira. Acaso é a Mim que eles provocam à ira, diz o Senhor, e não antes a si mesmos, para confusão dos seus rostos? Portanto, assim diz o Senhor Jeová: Eis que a Minha ira e o Meu furor se derramarão sobre este lugar, sobre os homens e sobre os animais, e sobre as árvores do campo, e sobre os frutos da terra; e acender-se-á, e não se apagará”**.

Sim, devotos marianos, as Sagradas Escrituras se referem à rainha dos céus nesses termos impressionantes. O Senhor Deus repudia e detesta esse título ao extremo de derramar a Sua ira sobre os prevaricadores de Seu preceito relativo à proibição da idolatria.

O título de “rainha dos céus” atribuído a Maria é um insulto à santa mãe de Jesus Cristo e carece de qualquer fundamentação bíblica.

3) A coroa da Realeza Celeste só pode cingir a Fronte Suprema do Deus Trino. **“Eu sou o Senhor, diz Deus. Este é o Meu Nome; a Minha Glória, pois, a outrem não darei, nem Meu Louvor às imagens de escultura”** (Isaias 42.8). Tributar à criatura, a Maria, por exemplo, sob qualquer pretexto, glória e senhorio, que, com exclusividade, cabem a Deus, à Majestade Divina, é sacrilégio. **“Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o ÚNICO SENHOR”** (Deuteronômio 6.4).

Nivelar o céu às cortes deste mundo é pervertê-lo porque **“para nós há um só Deus, o Pai, de Quem é tudo e para Quem nós vivemos; e um só Senhor,**

**Jesus Cristo, pelo Qual são todas as coisas e nós por Ele” (1ª Coríntios 8.6).**

**.oOo.**

## **A COREDENTORA**

Paulo apóstolo se salientou por sua intrepidez em defender a TODA-SUFICIÊNCIA do Sacrifício de Cristo.

Impossível imaginar-se qual seria a sua viva e impetuosa reação se alguém lhe afirmasse constituir-se o seu ministério, cheio de renúncias e sofrimentos, numa participação do Sacrifício de Cristo para a redenção da humanidade. Se o pecador, para se salvar, tivesse que confiar nele como se fosse ele coredentor.

Maria conhecia bem as Escrituras e reconheceu no Sangue de Jesus Cristo cabal suficiência para a salvação do pecador.

Ela, se informada, com ímpeto rejeitaria a blasfema proposição do beatério crenteiro que diz: *Pode-se dizer que Maria seja a salvadora do mundo, pelo mérito de sua compaixão, tendo excelentemente merecido, sofrendo acerbíssimas dores com o Filho. Por haver sido o seu imaculado coração traspassado pela espada de crudelíssimas dores, tornou-se ele sensibilíssimo aos nossos padecimentos. É ela, portanto, o REFÚGIO DOS PECADORES.*

*A quem podemos nós, pecadores, recorrer com confiança? A Deus? Mas a Sua Grandeza nos aterra! A Jesus Cristo? Mas a Sua Glória nos ofusca e a Sua Santidade nos amedronta! Só podemos nos valer de “nossa senhora”, o refúgio dos pecadores!!!*

Destas expressões e exclamações se recheiam os devocionários marianos, as rezas a Maria dirigidas e as pregações dos sacerdotes em sua novenas.

**1)** Decerto, ela sofreu atrozes dores como mãe ao contemplar os horrores da crucifixão e os da morte de Jesus. Mas, daí concluir-se ser ela a coredentora, é supor-se a insuficiência do Sacrifício de Cristo.

Acreditar-se na coredenção de Maria e em ser ela refúgio dos pecadores é, em última análise, aceitar a negação da Divindade de Cristo, porquanto o Seu Sacrifício Se valoriza ao infinito precisamente por Jesus Cristo ser Deus.

O catolicismo é a negação mais afrontosa de Jesus Cristo. Repitamos! Acreditar-se em Maria com coredentora ou cosalvadora significa descrer do VALOR INFINITO e da TODA-SUFICIÊNCIA DO SACRIFÍCIO DE CRISTO.

Se Cristo, outrossim, é Todo-Suficiente, qual o valor e qual a necessidade de uma coredentora e de um refúgio de pecadores? Por ser Todo-Suficiente, o Sacrifício de Cristo dispensa ele quaisquer achegas ou complementações. Jesus Cristo recusa colegas ou coadjutores. A respeito do assunto da Toda-Suficiência de Cristo, a Bíblia é muito clara.

**“Mas Este [Jesus Cristo] havendo oferecido um ÚNICO SACRIFÍCIO pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus... Porque com uma só oblação aperfeiçoou para sempre os que são santificados”** (Hebreus 10.12,14). E Pedro, perante o sínédrio, o tribunal religioso de Jerusalém, exclamou: **“E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”** (Atos 4.12).

Pedro é taxativo. Só em Nome de Jesus Cristo **“e em nenhum outro”**, nem em nome de Maria, só e exclusivamente em o Nome de Jesus Cristo é que o pecador pode ser salvo.

O profeta Isaías, cerca de sete séculos antes de Cristo, contemplou –O em Sua Suficiência, pondo em Seus Lábios: **“Eu SOZINHO pisei no lagar, e dos povos ninguém houve comigo”** (Isaías 63.3).

Ao enfrentar o lagar de Sua paixão e morte fê-lo SOZINHO, porque só Ele pôde assumir a responsabilidade de pagar pelos pecados de todos quantos nEle confiam.

Paulo apóstolo, sobre este importante e transcendental assunto, afirma: **“O qual [Jesus Cristo] Se deu a Si mesmo em preço de redenção por todos”** (1ª Timóteo 2.6).

Ora, neste **“por todos”** acha-se também incluída Maria. Se ela não pôde resgatar-se a si mesma, como pode, pois, ser chamada cosalvadora ou coredentora? Não pôde resgatar-se a si mesma e, por isso, reconheceu ser o Senhor o seu Salvador (Lucas 1.47).

Jesus, sem qualquer subterfúgio, apresentou-Se como o Salvador. **“Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido”** (Lucas 19.10).

Paulo recorre às expressões mais solenes no intuito de proclamar esta missão ímpar de Jesus: **“Esta é uma palavra fiel e digna de toda aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal”** (1ª Timóteo 1.15).

Onde em todas as Sagradas Escrituras um indício – um ao menos! – de semelhante missão por parte de Maria?

2) O preço pago por Jesus Cristo no desempenho desta Sua Obra foi o Seu próprio Sangue. **“Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes de vossos pais, mas com o precioso SANGUE de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado”** (1ª Pedro 1.18-19).

E quando Maria derramou o seu sangue? Foi ela, porventura, crucificada por nosso amor? E, se o fosse, o seu sacrifício teria valor infinito com o poder de absorver todos os pecados de quem nela confiasse?

*“Ah! Ah!”, dizem seus devotos, “mas ela derramou suas lágrimas. O que Jesus sofria no Corpo ela o sofria na alma. Enquanto Cristo vertia na Cruz o Seu Sangue, ela derramava doloridas lágrimas”.*

Ocorre, porém, que a salvação do pecador só pode ser merecida pelo Sangue de Jesus e não por lágrimas de quem quer que seja. Ele próprio derramou lágrimas – e abundantes! – mas não foi por Suas lágrimas que obteve o preço do nosso resgate. **“Em Quem [Jesus Cristo] temos a redenção pelo Seu SANGUE, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da Sua graça”** (Efésios 1.7). E a remissão de pecados é resultante desse Sangue – exclusivamente do Sangue – e não de lágrimas. **“E sem derramamento de sangue não há remissão”** (Hebreus 9.22).

**3)** Seria possível, outrossim, que a Palavra inerrante de Deus, escrita para nos ensinar tudo quanto é santo, útil e bom, deixasse de nos mostrar em Maria o nosso refúgio e a nossa advogada, como coredentora, se na realidade o fosse?

A Bíblia só nos mostra o Refúgio dos pecadores em Jesus. Falharam as Sagradas Escrituras? Falhou o próprio Jesus, que jamais em Suas pregações e em Seus ensinamentos falou acerca de Maria como coredentora e refúgio dos pecadores, advogada e esperança nossa?

João, em cuja casa Maria viveu após a morte, ressurreição e ascensão do Senhor, além do Evangelho, escreveu três Cartas. Em nenhuma delas faz qualquer alusão sequer ao nome de Maria. Por sinal, uma delas dirigiu a uma senhora.

E na sua Primeira Epístola apresenta-nos Jesus como nosso Advogado. Teria, por acaso, se esquecido de dizer que Maria também é advogada, se isto fosse verdade?

João contemplou o céu. No Apocalipse ele registra o que viu. Viu os salvos em adoração a Deus. Viu o Trono de Deus e do Cordeiro. Não viu Maria a receber veneração de ninguém e nem ninguém a lhe agradecer o seu refúgio, a sua coredenção.

Quantas Epístolas Paulo apóstolo escreveu? Se aceitarmos a autoria paulina de Hebreus, escreveu ele 14 Epístolas. Em qual delas faz ele menção de Maria como refúgio dos pecadores, advogada e esperança nossa? Em nenhuma. Em nenhum versículo. Nem o seu nome se refere!

Pedro também escreveu duas Epístolas. Exalta o Sangue de Cristo e o Seu Sacrifício Vicário. Às lágrimas de Maria nenhuma alusão faz.

Nesse documentário do Novo Testamento, onde o Espírito Santo esclarece todos os nossos deveres e tudo quanto é verdadeiramente bom e útil para os cristãos, não encontramos nenhuma informação a respeito de Maria e da devoção que lhe devemos ter por considerá-la refúgio dos pecadores.

Teria Ele se esquecido dela, de Sua esposa, como querem os sacerdotes do marianismo? Nas epístolas, em cada capítulo, encontra-se a exaltação de Jesus Cristo.

Encontram-se orientações, inclusive para a vida doméstica.

As Cartas Apostólicas, entretanto, silenciam por completo acerca de Maria porque, em verdade, ela nada é daquilo que divulgam os devotos marianos.

As Cartas Apostólicas proclamam, na verdade, o REFÚGIO ÚNICO dos pecadores na Pessoa de Jesus Cristo.

Paulo apóstolo anuncia **“Jesus Cristo, Esperança nossa”** (1ª Timóteo 1.1) e **“a vossa vida está escondida com Cristo em Deus... Quando Cristo Se manifestar, então, também vós vos manifestareis com Ele em glória”** (Colossenses 3.3-4).

É Ele o nosso Advogado, consoante João: **“Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo para que não pequeis; e se alguém pecar temos um ADVOGADO para com o Pai, Jesus Cristo, o Justo”** (1ª João 2.1). Jesus, sim, é o nosso Advogado, infalível Advogado, a nos defender com o Seu **“sangue que nos purifica de todo o pecado”** (1ª João 1.7).

Esse amorável Salvador a nos convidar cheio de misericórdia... Ele que pode ouvir os brados e suspiros dos degredados filhos de Eva neste vale de lágrimas. Ele que é o Caminho e a Porta do Céu (João 14.6;10.9), a Estrela d’Alva resplandecente e da manhã (Apocalipse 22.16), Ele que tem todo o poder no céu e na terra e que pode volver Seus olhos misericordiosos sobre nós e Se compadecer ternamente de nós agora e na hora de nossa morte.

.oOo.

## **O MAIOR DE TODOS OS CRIMES**

1) A História da humanidade se repleta de hediondos crimes. Há facínoras em cujos corações, quais víboras de peçonha letalíssima, se aninham requintes de perversidade.

Bandidos sanguinários já praticaram toda sorte de iniquidade. Parece que jornais de certa imprensa gozam de um prazer sádico ao noticiar assassinatos, estupros, assaltos, latrocínios...

Dentre os maiores crimes, outrossim, se inclui o do rapto de filhos às suas mães. É freqüente a notícia do rapto de crianças com o propósito criminoso da extorsão de verdadeiras fortunas. Sabem os raptos que os pais aflitíssimos se submetem a quaisquer imposições. Já houve casos de sensibilizar o mundo inteiro. Pois, bem, o clero católico cometeu esse crime, o maior de todos. Raptou de Maria seus próprios filhos!

Quando querem comover o beatério ignaro com o intento de satisfazer seus ignóbeis interesses, exaltam-lhe tanto as lágrimas derramadas ao pé da cruz de Jesus. E com o cinismo mais sardônico roubam-lhe os outros filhos.

Com a cara lambuzada de pieguice mistificam seus fiéis, dizendo-lhes que seria indigno de Maria o haver gerado outros filhos. Acaso a prole numerosa não dignifica a mulher?

Ainda hoje, quando a mulher, esmagada por esta desgraçada sociedade de consumo, renunciou à elevadíssima honra da maternidade, ainda hoje, nos programas comemorativos do Dia das Mães inclui-se a entrega de presentes à mãe de maior número de filhos.

Esta própria sociedade, apesar de odiar e perseguir tanto e tão hediondamente a criança, reconhece a superioridade da mãe farta de prole e a honra, conferindo-lhe especiais regalias.

Ao tempo de Maria, entre os judeus, a quantidade de filhos revelava a profusão das bênçãos de Deus. Quanto mais filhos tivesse uma mulher tanto mais abençoada pelo Senhor e, em conseqüência, mais credenciada de honra e respeito.

Então, justamente por haver gerado Jesus, Deus retiraria de Sua serva o privilégio de ser honrada e respeitada? Privaria de tantas bênçãos a Sua humilde serva?

Diante de sua parente Isabel ela exclamou: **“E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, porque atentou na baixeza de Sua serva; pois eis que**

**desce agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada”** (Lucas 1.47,48).

Poderiam as gerações chamá-la bem-aventurada – feliz, profunda e intensamente feliz – se Deus lhe houvesse privado da honra e da bem aventurança de uma expressiva quantidade de filhos?

**2)** A Bíblia é muito clara ao se referir aos irmãos de Jesus, honrando e dignificando assim a bendita mulher.

Os quatro evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João), com efeito, falam dos irmãos de Jesus.

Mateus 12.46: **“E, falando Ele ainda à multidão, eis que estavam fora Sua mãe e Seus irmãos, pretendendo falar-Lhe”**.

Marcos 3.31: **“Chegaram então Seus irmãos e Sua mãe; e, estando de fora, mandaram-nO chamar”**.

Lucas 8.19: **“E foram ter com Ele Sua mãe e Seus irmãos, e não podiam aproximar-se dEle por causa da multidão”**.

Ainda Lucas em Atos dos Apóstolos alude aos irmãos de Jesus: **“Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria, mãe de Jesus, e com Seus irmãos”** (1.14).

João 2.12: **“Depois disto desceu a Cafarnaum, Ele, e Sua mãe, e Seus irmãos, e Seus discípulos, e ficaram ali não muitos dias”**.

**3)** Ainda mais! Mateus e Marcos mencionam o nome de quatro dos irmãos do Senhor: **“E chegando à Sua pátria, ensinava-os na sinagoga deles, de sorte que se maravilhavam, e diziam: Onde veio a Este a sabedoria, e estas maravilhas? Não é Este o filho do carpinteiro e não se chama Sua mãe Maria e Seus irmãos Tiago, e José, e Simão, e Judas? E não estão entre nós todas as Suas irmãs?”** (Mateus 13.54-56).

**“Não é Este o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, e de José, e de Judas e de Simão. E não estão aqui conosco Suas irmãs?”** (Marcos 6.3).

Jesus tinha, pelo menos, seis irmãos. Os quatro varões têm os seus nomes mencionados. E, pelo menos, duas irmãs. Se irmãos de Jesus, então, filhos de Maria.

4) Os sacerdotes romanistas se desesperam com estas informações claras dos Evangelhos quanto ao assunto e querem a todo custo se desvencilhar delas. E neste desespero arranjaram três artifícios:

**PRIMEIRO:** Aqueles irmãos seriam crentes nEle. Seus discípulos. Em o Novo Testamento encontramos muitas vezes os cristãos a se chamarem de irmãos.

Ora, esta válvula de escape não lhes dá saída porquanto a eles, se referindo João, faz a distinção entre os irmãos e os discípulos de Jesus. **“Depois disto desceu a Cafarnaum, Ele, e Sua mãe, e Seus irmãos, e Seus discípulos”** (João 2.12). E ainda mais. Diz que Seus irmãos eram incrédulos. **“Porque nem mesmo Seus irmãos criam nEle”** (João 7.5). Se incrédulos, é evidente, não eram Seus discípulos e não participavam da fraternidade da fé.

**SEGUNDO:** Estes irmãos de Jesus eram filhos só de José, esposo de Maria. José fora viúvo e levava para as segundas núpcias os filhos de seu primeiro casamento.

É tão ridícula esta “explicação” que nem merece maiores considerações, porquanto por parte alguma do Novo Testamento se vislumbra sequer um diminuto indício de haver sido viúvo o pai nutrício de Jesus Cristo.

**TERCEIRO:** O outro arranjo em que se agarram os sacerdotes em seu desespero é o de que aquela palavra “IRMÃOS” quer dizer “PRIMOS”.

Eram, por conseguinte, primos e primas de Jesus e não irmãos. Portanto, não eram filhos de Maria e sim, seus sobrinhos.

Alegam a pobreza de vocabulário aramaico, a língua falada na Palestina ao tempo do Redentor. E invocam o exemplo de Abrão e Ló. Este Ló era sobrinho do patriarca (Gênesis 12.5). Saíram ambos de sua terra e de sua parentela porque Deus, ao conceder a Abrão a promessa, assim o exigiu. Por questões administrativas, Abrão decidiu que se separassem e disse ao seu sobrinho carnal: **“Não haja contenda entre mim e ti, e entre os meus pastores e os teus pastores, porque IRMÃOS somos”** (Gênesis 13.8).

O argumento dos raptos dos filhos de Maria não encontra cobertura alguma na Bíblia e nem no bom senso.

Essas palavras de Abrão acham-se registradas, sim. Ocorre, todavia, que neste passo o patriarca aludia à fraternidade espiritual. De fato, eles eram irmãos na fé. Suas almas de crentes se entendiam e, por isso, Abrão convidou Lô para que o acompanhasse quando saiu de sua terra e de sua parentela. Lô era crente no Senhor e justo. Tanto assim que Deus poupou-lhe a vida quando destruiu Sodoma e Gomorra.

O Novo Testamento, outrossim, foi escrito em grego, língua de vocabulário rico. E o Novo Testamento, no caso, faz distinção entre irmãos e parentes. “ADELFOI” quer dizer “IRMÃOS” E “SUNGENES”, “PRIMOS”.

Quando o anjo disse a Maria que Isabel também havia concebido, frisou: **“Tua PRIMA”** (Lucas 1.36). Por que neste caso não empregou a palavra “irmã”? É porque Isabel era prima de Maria. E aqueles personagens mencionados por Mateus e Marcos são IRMÃOS mesmo de Jesus e, portanto, filhos de Maria. Eis a verdade cristalina dos fatos!

Os crentes evangélicos têm em altíssima consideração a preciosa mãe de Jesus e não lhe raptam os filhos. Honram-na conservando-os ao seu lado.

.oOo.

## LIVREMOS MARIA DO RIDÍCULO!

Há uma infinidade de “nossas senhoras”. “Nossa senhora” do Rosário, “nossa senhora” da Guia, “nossa senhora” das Dores, “nossa senhora” do Parto, de Nazaré, do Brasil, da Cabeça, da Purificação, da Paz, da Aparecida, de Fátima, das Graças, do Amparo, dos Remédios, dos Homens Pretos, da Saúde, do Rádio, da Televisão, da Boa Morte, do Loreto, do Pintassilgo... Um nunca acabar de tantas “nossas senhoras”...

E cada nome de “nossa senhora”! Em Baependi, Estado de Minas Gerais, encontrei uma “Nossa Senhora da Conceição Nha Chica”. É isso aí! “NHA CHICA”!!! Chegue-se junto de um sacerdote católico romano e

pergunte-se-lhe se cada “nossa senhora” é uma “santa” diferente.

Ele vai explicar: *Não! Todos esses títulos pertencem a uma pessoa só. A Maria, Mãe de Jesus. Uma quantidade enorme de invocações para uma pessoa só. Ou o título é dado por causa de um fato na vida dela, como “nossa senhora” da Purificação, ou como devoção própria para uma determinada circunstância, como o de “Boa Viagem” para que ela nos valha em nossas viagens. E também muitos títulos são dados segundo o lugar em que ela apareceu. Assim Fátima porque apareceu no lugar chamado por esse nome; Lourdes, da mesma forma, por causa de Lourdes, o lugar onde apareceu lá na França.*

Agora, vejam as imagens e as estampas de cada uma “nossa senhora”. São todas diferentes entre si.

O leitor tem a sua fisionomia característica. Própria. O cabelo castanho ou louro. O nariz afilado ou achatado. Os olhos azuis ou pretos. O rosto oval ou arredondado. Pele clara ou morena.

Se o leitor estiver trabalhando numa fábrica, na lavoura, se estiver na escola ou num consultório médico, se estiver a atravessar uma rua muito movimentada ou socorrendo uma vítima de acidente automobilístico... Sempre em todas estas circunstâncias ou situações, será distinguido pela sua fisionomia própria.

Se sair de sua cidade e for para outro lugar bem distante e encontrar-se com algum amigo, este o reconhecerá de imediato, pois para onde se vá sempre se levam os traços fisionômicos. Não é porque se vai para a África que nossa pele se escurecerá. E nem porque se vai para a Alemanha que ele se tornará esbranquiçada. Se fôssemos ao Japão os nossos olhos conservariam o seu feito.

Ora, a senhora de Guadalupe parece-se com uma mexicana, pois lá no México ela “apareceu”. A senhora de Lujan, por haver “aparecido” na Argentina assemelha-se a uma argentina. A de Fátima, uma portuguesa, porque em Portugal se encontra Fátima. A de Lourdes, a uma francesa, porque na França está Lourdes. Aparecida é bem escura. A padroeira do Japão, a senhora da Estrela da Manhã que está na catedral de Tóquio, tem os olhos rasgados como uma japonesa.

Uma é escura. Outra morena. Outra bem clara. Outra cor-de-jambo. Outra loura. Outra de olhos castanhos. Outra de olhos azuis e outra de olhos esverdeados. Outra de nariz afilado. Outra de nariz chato. Outra de cabelos castanhos. Outra de cabelos louros. (Será que ela costuma tingi-los?). Outra de rosto comprido. Outra de rosto oval...

Se fosse uma só pessoa, deveria conservar os mesmos traços fisionômicos e as próprias características.

Se em cada lugar que ela aparece apresenta-se com traços e características diferentes, já se concluiu, não se trata da mesma pessoa. A menos que, para aparecer em cada lugar, ela se submeta a uma cirurgia plástica total que lhe remodele tudo, inclusive a estatura e a estrutura óssea.

Os evangélicos têm enorme respeito pela bendita mãe de Jesus e repelem também este ultraje e este ridículo da infinidade de “nossas senhoras”.

Em parte alguma das Escrituras encontra-se base para a “explicação” do sacerdote romano. E o bom senso rejeita o embuste impingido à massa ignara pelo clero ganancioso e insaciável na sua fome de riquezas – “auri sacra fames” (“sagrada fome de ouro”) – cujas fontes se destacam nos santuários dessas “nossas senhoras”.

**.oOo.**

## **O CULTO A MARIA**

Maria, a preciosa mãe de Jesus, é nossa irmã na fê. Apreciamos os seus belos exemplos de crente fervorosa em Cristo.

Os evangélicos têm por ela grande respeito e, por isso, repelem todas as mentiras assacadas contra ela pelo beatério ignaro a serviço da insaciável ganância do clero. Apreciando-a e respeitando-a, contudo, não lhe prestam culto algum.

Conhecem a Bíblia e sabem que em todas as Sagradas Escrituras só se encontram 16 referências a Maria e em nenhuma há qualquer indício de se constituir ela mãe de Deus, imaculada conceição,

medianeira, refúgio dos pecadores, coredentora, mãe dos homens e da Igreja.

Só por três vezes, aliás, Cristo Se dirigiu a ela e na única vez em que ela parece interceder junto a seu Filho, Ele a reprova dizendo: **“Mulher, que tenho Eu contigo?”** (João 2.4).

Pergunte-se às pessoas sensatas: Qual é o ensino desse comportamento das Escrituras referentes a Maria? Qual o ensino dessa atitude de Jesus Cristo relativa à sua mãe carnal, em absoluto contraste com o comportamento e ensinamentos do catolicismo romano? Qual o ensino do completo silêncio dos Apóstolos encarregados de estabelecer o Cristianismo? O ensino é claro. Límpido.

Tudo isso significa que o culto tributado a Maria não faz parte do Cristianismo primitivo, do Cristianismo dos Apóstolos, do Cristianismo de nosso Senhor Jesus Cristo.

O marianismo, que é a essência do catolicismo, é falso e blasfemo.

\* \* \*

Maria, efetivamente, não é “nossa senhora” porque **“o Senhor, nosso Deus, é nosso ÚNICO SENHOR”** (Deuteronômio 6.4).

Há **“UM SÓ SENHOR”** (Efésios 4.5). **“Para nós há UM SÓ DEUS, o Pai, de Quem é tudo e para Quem nós vivemos; e UM SÓ SENHOR, Jesus Cristo, pelo Qual são todas as coisas, e nós por Ele”** (1ª Coríntios 8.6).

As Sagradas Escrituras jamais se referem a uma “nossa senhora”. De nenhum de seus textos alusivos a Maria se pode inferir esse título. E como Senhor, Deus jamais transfere a Sua Glória a quem quer que seja. **“Eu sou o Senhor: este é o Meu Nome; a Minha Glória, pois a outrem não darei”** (Isaías 42.8). **“E A MINHA GLÓRIA NÃO DAREI A OUTREM”** (Isaías 48.11).

De certa feita, um dos escribas, aproximando-se de Jesus perguntou-Lhe: **“Qual é o primeiro de todos os mandamentos? E Jesus respondeu-lhe: O primeiro de todos os mandamentos é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o ÚNICO SENHOR. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as**

**tuas forças: este é o primeiro mandamento”** (Marcos 12.28-30).

Depremem-se daí duas observações: o culto a Deus é o preceito fundamental e ele só pode ser dirigido a Deus e a mais ninguém. Atribuir glória, ou seja, prestar culto a outro personagem é contrariar o mandamento divino.

O ser humano, com toda a sua personalidade (coração, alma e entendimento) e com todas as suas energias deve dar a Deus o culto que só a Ele é devido. Só a Ele com absoluta exclusividade. Esta é a VERDADE sobre o culto. E com ela o Senhor quer ser adorado.

Em Seu diálogo com a samaritana Jesus foi claríssimo quando afirmou: **“Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão ao Pai em espírito e em VERDADE; porque o Pai procura a tais que assim O adorem. Deus é Espírito, e importa que os que O adoram O adorem em espírito e em VERDADE”** (João 4.23-24).

Inutiliza-se, por conseguinte, o culto quando é atribuído a Deus de parceria com outro personagem, como, no caso, Maria. Os sacerdotes romanos imaginaram uma distinção de cultismo: latria, dulia e hiperdulia. Latria atribuído só a Deus. Dulia aos “santos”. E hiperdulia a Maria.

Esses cultos intitulados de dulia e de hiperdulia são genuinamente pagãos, informe-se de passagem.

Aliás, a Bíblia, a preciosa e inerrante Palavra de Deus, como se verifica nos textos acima transcritos, só menciona uma espécie de culto, que é o atribuído a Deus.

Quem presta culto a Maria, embora designando-o de hiperdulia, incorre nas recriminações severas de Jesus Cristo: **“Hipócritas, bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-Me com os lábios, mas o seu coração esta longe de Mim. Mas, em vão Me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens”** (Mateus 15.7-9).

O culto a Maria, portanto, torna os seus devotos em autênticos e arrematados hipócritas.

**.oOo.**

# E OS MILAGRES DE “NOSSA SENHORA”?

*É o que sempre se ouve! Ah, deixar “nossa senhora”? Nunca! Ela sempre me tem valido. Jamais deixou de me socorrer nas minhas angústias e de me atender nas minhas necessidades.*

Fui certo dia evangelizar uma senhora. Atenta, ouviu-me a exposição do plano da salvação do pecador e a leitura de passagens bíblicas sobre o assunto.

Ao final, esclarecidas as suas perguntas, asseverou-me: *Impossível aceitar eu o Evangelho. Se O aceitasse teria que deixar ‘Nossa Senhora de Fátima’. Seria uma ingratidão contra ela. Prefiro recusar o Evangelho para evitar ofender Maria ‘santíssima’.*

Aquela mulher havia entendido o plano de salvação e reconhecia a grande verdade de ser absolutamente impossível converter-se, consoante as Escrituras, a Jesus Cristo e, ao mesmo tempo, permanecer devota a Maria nos moldes católicos.

A significar o seu reconhecimento à “senhora de Fátima” relatou-me como ela lhe curara a filha muito doente. Médico algum, segundo ela, debelava o mal, quando, aflita, se valeu da “senhora de Fátima”. E esta a atendeu.

Multiplicam-se fatos semelhantes a esse. Esquivo-me de lembrar os milagres-mentira e os acontecidos à distância. Analiso-os em meu pequeno livro **“MILAGRES E CURA DIVINA”**, cuja leitura recomendo para cabal esclarecimento a respeito do assunto.

É inegável a ampla divulgação de inumeráveis mentiras piamente aceitas nos meios marianistas como se fossem acontecimentos reais. Aliás, todas as “aparições” de “nossa senhora” são montadas sobre a impostura.

A mistificação é a arma de que se utilizam os sacerdotes para provar tantos estupendos “milagres”.

Quem já não ouviu contar de imagens de “nossa senhora” que choram? Até em Nova Orleans, nos Estados

Unidos, uma imagem da “senhora de Fátima”, há poucos anos passados chorou.

E o católico norte-americano, que é tão marianista quanto o brasileiro ou o italiano, lá se vai em romarias a prestar culto à senhora chorona.

Fazer-se uma imagem de gesso, ou de metal ou de madeira “verter lágrimas” é coisa mais simples do mundo. Qualquer trapaceiro poderá fazê-lo e obterá o seu “di-cumê” na maciota.

A tevê passou uma novela chamada Saramandaia. Focalizou um lugarejo onde os ânimos divididos se exaltam porque o antigo nome de Bole-Bole foi substituído pelo de Saramandaia. Um espertalhão defensor da conservação do antigo nome, para sensibilizar a opinião pública convocada a um plebiscito para a mudança do nome da cidade, com um truque fez chorar sangue a imagem de “santo” Onofre, padroeiro local. E o dr. Rochinha, o único médico do lugar, após a devida análise, atestou ser sangue aquele líquido pingado dos olhos da imagem do patrono.

Isso aconteceu numa novela. Muitos prodígios das “nossas senhoras”, contudo, são embustes desse teor quando não deslavadas mentiras. E o povo, que gosta de ser enganado, crê. É assim! É mais fácil o povo acreditar em mil mentiras do que aceitar a verdade...

Aquela mulher da filha curada pela “senhora de Fátima”, no ardor de defender sua credence, me assegurou: *Então, o senhor que lê a Bíblia não encontrou nela que a voz do povo é a voz de Deus? Sim Senhor, na Bíblia tem isso. A voz do povo é a voz de Deus.*

Quis citar-me a frase em latim para demonstrar sua sabença, mas se atrapalhou toda no seu latinório de chinês analfabeto. A ajudá-la disse-lhe o latim da sentença: *“Vox populi vox Dei”*.

Frise-se! A Bíblia nunca, em parte alguma, afirma tamanha sandice. O latim pode soar bonito; a frase, contudo, não está nas Sagradas Escrituras.

Mas a mulher, como a maioria, admite e aceita os “milagres” porque todo o povo crê. Nesse caso, a pior estupidez se torna voz de Deus se é a voz do povo? É o caso dos “milagres” fabricados pela impostura. Releva lembrarem-se os prodígios de cura causado pela

autosugestão, assunto também examinado no meu livro **“Milagres e Cura Divina”**.

Agora, é preciso reconhecer-se que às vezes uma “nossa senhora” faz um prodígio ou cura um enfermo em atendimento às rezas que lhe são feitas.

Será mesmo a própria “nossa senhora” que fez esses “milagres”? Não! Eles são feitos pelo diabo!!! Satanás e seus demônios têm grande poder.

A Bíblia é o Livro Santo de Deus! Como Livro Santo de Deus ela é o mais humano de todos os livros. Expõe a descoberto a miséria do pecador para enaltecer e enfatizar a misericórdia de Deus.

E por que ela nos fala sobre o poder do diabo? Precisamente para ressaltar e destacar o Poder de Deus. O Poder de Deus infinitamente superior.

Conta-nos prodígios do maligno exatamente para nos demonstrar serem eles contrafação ou adulteração dos verdadeiros prodígios de Deus. E nos advertir que, com suas maravilhas, o diabo pretende perturbar os planos do Senhor quanto à salvação dos pecadores e à santificação dos salvos.

No capítulo 7º do livro de Êxodo, por exemplo, encontram-se estupendos prodígios de Satanás com o intuito de prejudicar a obra de Deus.

Acontecimento frisante desta nefasta atuação encontramos também no episódio registrado em Atos dos Apóstolos (13.6-12): **“E, havendo atravessado a ilha de Pafos, acharam um certo judeu mágico, falso profeta, chamado Bar-Jesus, o qual estava com o procônsul Sérgio Paulo, varão prudente. Este, chamando a si Barnabé e Paulo, procurava muito ouvir a Palavra de Deus. Mas resistia-lhe Elimas, o encantador (que assim se interpreta o seu nome), procurando apartar da fé o procônsul. Todavia, Saulo, que também se chama Paulo, cheio do Espírito Santo, e fixando os olhos nele, disse: Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor? Eis aí, pois, agora contra ti a mão do Senhor, e ficarás cego, sem ver o pôr do sol por algum tempo. E no mesmo instante a escuridão e as trevas caíram sobre ele, e, andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão. Então o procônsul, vendo o**

**que havia acontecido, creu, maravilhado da doutrina do Senhor”.**

Paulo apóstolo fora pregar o Evangelho a um varão prudente, Sérgio Paulo, governador da ilha de Chipre. Este cidadão se inclinava a aceitar a mensagem de Deus por constatar lógica na exposição do apóstolo.

Embaraçava-lhe, todavia, um feiticeiro, um macumbeiro, com seus milagres, **“procurando apartar da fé o procônsul”.**

É o propósito do diabo com as suas maravilhas e com as suas curas. Intenta dificultar a compreensão verdadeira do Evangelho a fim de conservar o pecador na incredulidade e na escravidão ao seu poder infernal.

Paulo, então, com aquele santo atrevimento do seu ardor missionário, voltando-se para o prodigioso milagreiro, bradou-lhe: **“Ó filho do diabo, cheio de todo engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor?”** (Atos13.10).

Satanás faz maravilhas com o intuito de **“perturbar os retos caminhos do Senhor”.** Para que o pecador continue agrilhado à feitiçaria, à idolatria e aos erros religiosos... Longe de Deus. Sem se arrepender e sem confiar em Jesus como seu único e todo-suficiente Salvador.

Para endurecer o coração de Faraó do Egito, Satanás fazia portentosos prodígios (Êxodo 7 e 8).

É ainda para endurecer o coração do pecador que o demônio continua a fazer os seus milagres e a curar doenças. Grande maioria dos pecadores só procura na religião a cura de suas doenças e a solução de seus problemas materiais.

Quem se interessa pela salvação de sua alma? Muita gente entrega a sua alma ao diabo, contanto que se veja livre das suas doenças e das suas dificuldades.

O diabo cura enfermidades e resolve alguns problemas para prejudicar a salvação eterna do pecador. Satanás se vale desses cultos às “nossas senhoras” para facilitar prodígios. É evidente que ele não cura doenças graves. Quem já viu uma “nossa senhora” curar um câncer comprovado? Ou um pulmão roído pela tuberculose? Ou um braço descolado pela lepra?

Quem já viu uma “nossa senhora” colocar no lugar de uma perna amputada uma perna de ossos, nervos, carne e sangue a funcionar como uma perna natural? Ou no lugar de um olho vazado colocar outro bom? Quem já viu uma “nossa senhora” fazer andar um paralítico de nascença? Quem já viu uma “nossa senhora” rejuvenescer uma pessoa idosa? E a velhice é a pior de todas as doenças. Milagre, milagre mesmo, nenhuma “nossa senhora” faz, porque o autêntico milagre o diabo não faz. O verdadeiro e genuíno milagre só Deus pode fazer.

Deus condena nas Escrituras os falsos cultos. Ele condena o culto às imagens. Ele condena a invocação dos mortos.

Os “santos” e Maria já morreram. Maria não pode saber nada do que acontece aqui na terra, como já verificamos quando estudamos o assunto de sua mediação apregoada pelos sacerdotes. E nem pode ouvir as rezas que lhe são dirigidas porque ela não é deusa.

Dizer-se que Deus ouve essas rezas e informa Maria sobre elas é uma blasfêmia porque é fazer de Deus um medianeiro entre o devoto mariano e Maria.

Ora, se Deus condena como idolatria o culto às imagens, como Ele permitiria valimento a quem comete essa abominação? Se Ele condena a invocação dos mortos, como Ele poderia socorrer a quem se vale dessa iniquidade?

Em Deuteronômio 18.10-12, o Senhor é taxativo: **“Entre ti se não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem quem consulte um espírito adivinhante, nem mágico, NEM QUEM CONSULTE OS MORTOS; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor, e por estas abominações o Senhor, teu Deus, as lança fora de diante dEle”.**

De Deus não se zomba! Ele é infinitamente Santo e jamais socorreria alguém que se vale da abominação, embora use também o Seu Nome Sacratíssimo. Aí seria juntar pecado sobre pecado. Juntar-se-iam ao pecado da idolatria ou ao da feitiçaria o pecado de se tomar em vão o Seu Santo Nome.

Os sacerdotes marianistas, contudo, têm todo interesse em divulgar “milagres” das “nossas senhoras” com o propósito de enganar o povo, sustentando o marianismo que lhes rende fortunas incalculáveis.

Só o movimento financeiro de Aparecida do Norte é superior ao de grande maioria dos Estados da Federação Brasileira. E se reunirem as arrecadações de todos os santuários, de todos os cofres postos defronte dos altares e das imagens das “nossas senhoras” e de todas as promessas a elas pagas, que riqueza fabulosíssima atingirá!

Eis o motivo do grande empenho dos sacerdotes marianistas! Nada se lhes dá que as almas se percam na Eternidade porque do povo eles não se compadecem, mas, ao contrário, exploram-no a mais não poder.

.oOo.

## **A FELICIDADE MAIOR**

Já vimos! Maria é bem-aventurada – feliz, intensa e profundamente feliz – por haver gerado em suas entranhas as carnes de Jesus Cristo.

O vocábulo “bem-aventurado”, contudo, não é aplicado apenas para Maria pelo motivo acima aludido. Dele se recheia a Bíblia.

O próprio Jesus começou o Seu Sermão da Montanha proclamando as bem-aventuranças (Mateus 5.3-12).

Sim, Maria é bem-aventurada pelo motivo de sua maternidade, mas os pobres de espírito também são bem-aventurados. Ela é bem-aventurada, mas os que choram também o são. Ela é bem-aventurada, mas os mansos, os misericordiosos, os limpos de coração, os que têm fome e sede de justiça, os que sofrem perseguições por causa do Evangelho também são bem-aventurados.

Aquela mulher do povo proclamou Maria bem-aventurada por ser mãe do corpo físico de Jesus Cristo e por havê-IO amamentado em seus seios.

Retorquiu-lhe, porém, o Senhor: **“Antes, bem-aventurados os que ouvem a Palavra de Deus e a guardam”** (Lucas 11.28).

Sem dúvida, Maria é bem-aventurada. Porém, há pessoas mais bem-aventuradas, mais felizes do que ela o foi por haver gerado em suas entranhas as carnes de Jesus Cristo.

É mais bem-aventurado quem ouve a Palavra de Deus e a cumpre! Ouvir a Palavra de Deus é motivo de grande, imensa, felicidade.

Quando Jesus Se deixou transfigurar no alto daquele monte, os três discípulos Pedro, Tiago e João ouviram clara e altissonante a sair dentre as nuvens a voz o Pai: **“Este é o Meu Amado Filho; A ELE OUVI”** (Lucas 9.35).

Ouvir a Palavra de Jesus é causa de intensíssima felicidade, de gloriosa bem-aventurança. Porquê? Porque ouvir-Lhe a Palavra leva-nos à fé nEle. E quem nEle crê tem a vida eterna! **“Na verdade, na verdade, vos digo que quem ouve a Minha palavra, e crê nAquele que Me enviou, tem a vida eterna e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida”** (João 5.24).

Eis o motivo da maior bem-aventurança, a felicidade maior. O que aceita a Palavra de nosso Senhor Jesus Cristo, crendo EVANGELICAMENTE nEle, escapou da condenação e tem a vida eterna.

O gozo dessa vida eterna produz uma felicidade muito maior do que qualquer outra felicidade. É bem importante considerar-se a felicidade de Maria por aquele motivo físico e muito humano. É, porém, muito mais importante ouvir-se a Palavra de Jesus e confiar nEle para se receber dEle a salvação eterna da nossa alma.

Se o bondoso leitor se tem distraído em tantas coisas religiosas e prestado tantos cultos falsos, agora bem poderá deixar tudo isso para ouvir a Palavra de Cristo que o convida à salvação eterna. Que se arrependa e, firmado na Palavra Sagrada de Jesus, Palavra infalível, confie nEle, aceitando-O como o seu ÚNICO e TODO-SUFICIENTE SALVADOR! Amém!!!

**.oOo.**

